

DE VOLTA A BOA PARADA, LUGAR DE CASAS SUBTERRÂNEAS, ATERROS-PLATAFORMA E 'DANCEIRO'

Pedro Ignácio Schmitz¹

Jairo Henrique Rogge²

Raul Viana Novasco³

Suliano Ferrasso⁴

Vagner Perondi⁵

Natália Machado Mergen⁶

RESUMO

O texto dá conta de trabalhos arqueológicos realizados na localidade de Boa Parada, no município de São José do Cerrito, SC, em dezembro de 2013 e janeiro de 2015, em continuação às pesquisas de anos anteriores. O lugar é muito ilustrativo do processo de formação do Jê Meridional, portador da tradição cerâmica Itararé. Ele apresenta um conjunto de sítios com casas subterrâneas, aterros-plataforma e um 'danceiro', com uma data do primeiro milênio a.C. e numerosas datas a partir do século VI ao XVII d. C. Nesse lugar foi possível caracterizar melhor a indústria cerâmica e a indústria lítica, as casas subterrâneas, os aterros-plataforma, a relação entre as estruturas, e a dinâmica do povoamento local.

Palavras-Chave: Boa Parada, Casas subterrâneas, aterros-plataforma, 'danceiro'

ABSTRACT

The paper presents the archaeological investigations performed at the locality of Boa Parada, municipality of São José do Cerrito, SC, on December 2013 and on January 2015, to complete investigations of the preceding years. The place is very illustrative of the Jê Meridional Indians' formation process, the bearers of the Itararé ceramic tradition. It presents a set of pit houses, platform mounds and one 'danceiro' (other ceremonial monument), with one date of the first millennium BC, and many dates of the sixth through the seventeenth century AD. In this place it was possible to better characterize the lithic and the ceramic industries, the pit houses, the platform mounds, the relation between the structures, and the dynamics of the local peopling.

Key Words: Boa Parada, pit houses, platform mounds, 'danceiro'

¹ Unisinos, professor, pesquisador sênior CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br

² Unisinos, professor, pesquisador CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br

³ Unisinos, doutorando, bolsista do CNPq, e-mail: raulnovasco@gmail.com

⁴ Unisinos, laboratorista, mestrando, e-mail: suliano.ferrasso@gmail.com

⁵ Unisinos, aluno de Arquitetura, bolsista UNIBIC, e-mail: pinhao.raiz@gmail.com

⁶ Unisinos, mestranda, bolsista CAPES, e-mail: natalia.mergen@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No lugar chamado Boa Parada, junto à sede do município de São José do Cerrito, em espaço de menos de um quilômetro, estão concentradas mais de 50 casas subterrâneas, 4 aterros-plataforma e 1 'danceiro' com 4 estruturas anelares.

O objetivo geral de seu estudo era compreender o povoamento indígena da área, suas instalações e cronologia, complementando e testando informações de pesquisas anteriores sobre o povoamento do Jê Meridional no planalto de Santa Catarina.

Os sítios são cerâmicos, estão datados de forma contínua, do século XI ao século XVII e representam, na região, um período de bastante estabilidade de ocupação, com grandes casas subterrâneas, casas geminadas e casas pequenas, acompanhadas de volumosos aterros-plataforma e um 'danceiro', que representam um núcleo denso com um entorno de poucos assentamentos.

As estruturas encontram-se na parte elevada de ondulações do terreno, os aterros-plataforma no topo do relevo, o 'danceiro' em pequena elevação, as casas nas altas ou médias vertentes. A parte negativa das ondulações é ocupada por pequenas lagoas e banhados, que escoam suas águas através de canais de fluxo intermitente.

As estruturas estudadas têm conservação boa, embora o terreno em que se encontram tenha sido cultivado de forma tradicional durante anos e, atualmente, esteja coberto por mata secundária ou plantação de pinus e eucaliptos com presença de animais domésticos. Os maiores impactos nas estruturas se devem à perambulação de gado doméstico, a numerosas tocas de tatu, ao crescimento de árvores nativas na parede das casas, ao plantio de árvores comerciais no topo e no entorno dos aterros-plataforma, à eventual abertura de buracos para enterro de lixo e outras atividades humanas.

O projeto tratou de conseguir amostras das estruturas para caracterizar sua construção, implantação e associação; a ocupação, a sequência estratigráfica, a cronologia relativa e absoluta e os artefatos.

Para isto foi realizada topografia geral e específica com estação total, desenho e fotografia das estruturas; cortes de 2 ou 3 m² no interior das casas, no topo ou borda dos aterros e de 1 m² em seu entorno. A remoção dos sedimentos foi de 10 em 10 cm com o uso de enxada, colher de pedreiro, espátula e pincel conforme as circunstâncias, e revisão complementar dos sedimentos retirados. Foi descrito, desenhado e fotografado cada um dos níveis expostos e suas estruturas individuais, quando significativas. Foram coletados carvão, cerâmica e lítico, em recipientes separados. Os perfis dos cortes foram fotografados e desenhados. Foram recolhidas amostras de sedimentos e materiais para análises especiais usando protocolos previamente estabelecidos. Os nódulos e blocos das estruturas de fogo, quando não recolhidos, foram fotografados em campo.

O período destinado à pesquisa de campo foram duas semanas em dezembro de 2013 e quatro semanas em janeiro de 2015. O clima era de verão,

com trovoadas quase todas as tardes, que podiam retardar a saída matutina da equipe por causa da umidade ou adiantar a volta vespertina por causa da chuva.

A equipe de pesquisa no campo, além dos que assinam o artigo, contava ainda, em diferentes momentos, com Marcus Vinicius Beber, Marlon Pestana, Hérom de Cesaro, Natália Mota, Rafaela Nogueira, Ismael Raupp, Fabiane Rizzardo, Jefferson Nunes, Fernando Ribas, Silvano da Costa e Bruna Schneider.

O relato que segue refere-se à continuação das pesquisas feitas de 2008 a 2010 (Schmitz *et al.*, 2010) e em janeiro de 2013 (Schmitz *et al.*, 2013b). Ele abrange dois momentos, dezembro de 2013 e janeiro de 2015.

A publicação de 2010 informava sobre as pesquisas de 2008 a 2010 nas casas e no 'dancheiro' do lado direito da rodovia BR-282 para Campos Novos.

A publicação de 2013a informava sobre as atividades desenvolvidas em 2011 e 2012 no Rincão dos Albinos.

A publicação de 2013b sobre as atividades de janeiro desse ano no lado esquerdo da rodovia, onde a presente pesquisa continuou em dezembro do mesmo ano e novamente em janeiro de 2015. Resumimos em poucas linhas as principais intervenções de janeiro de 2013.

No sítio SC-CL-52 dois cortes na depressão da casa, num total de 5 m², e dez cortes no aterro externo, num total de 9 m²;

No sítio SC-CL-51 um corte estratigráfico de 3 m² numa das depressões de uma casa geminada (a de números 3 e 4);

No sítio SC-CL-50 um corte estratigráfico de 3 m² na casa 3.

No sítio SC-CL-46 um corte estratigráfico de 2 m² em cada um dos aterros-plataforma 1 e 2, e de 1m² no de número 3.

A expedição de 08 a 20 de dezembro de 2013 tinha por objetivo complementar as informações sobre a natureza dos aterros-plataforma e sua relação com as casas. Concretamente, pesquisar a natureza do aterro-plataforma 3 do SC-CL-46; a natureza e cronologia do grande aterro SC-CL-52a e sua relação com a grande casa do SC-CL-52; a relação das casas do SC-CL-45 com os aterros 1 e 2 do SC-CL-46.

Para isso foram realizadas intervenções nos seguintes sítios: no SC-CL-45, um corte estratigráfico de 3 m² na casa 1 e de 2 m² na casa 7; um corte estratigráfico de 4 m² no aterro-plataforma 3 do SC-CL-46; um corte experimental de 1 m² no SC-CL-52a para conhecer sua natureza e cronologia.

A expedição de 4 a 30 de janeiro de 2015 tinha por objetivos:

Compreender a composição e função do SC-CL-51, observando a instalação no ambiente e a ocupação das diferentes casas que o compõem; esclarecer a ocupação da casa 3 do sítio SC-CL-50, que em trabalho anterior tinha produzido uma data considerada antiga demais para sua ocupação cerâmica; caracterizar melhor a identidade e utilização do aterro SC-CL-52a; recolher amostras de sedimentos para caracterizar as camadas arqueológicas das estruturas; recolher amostras para estudo da utilização da cerâmica e de eventuais cultivos (fitólitos, amidos e macro restos); recolher testemunhos para compreender o manejo ambiental da população aí instalada.

Na oportunidade foram realizadas intervenções nos seguintes sítios: no SC-CL-50 a continuação por 2 m² do corte estratigráfico anterior; no SC-CL-51 um corte estratigráfico de 2 m² na casa 5, um corte estratigráfico de 2 m² na casa 2 e um corte estratigráfico de 3 m² na casa 6; no SC-CL-52a a continuação por 2 m² do corte estratigráfico anterior e o estudo de uma barranca exposta por máquina agrícola.

O texto apresenta, por sítios, as intervenções feitas nos dois períodos.

2. ATIVIDADES NO SÍTIO SC-CL-51

Localização geográfica: 27°38'13.2" S – 50°36'19.6" W.

O sítio encontra-se em propriedade de Alfredo Melo Sobrinho, morador em São José do Cerrito.

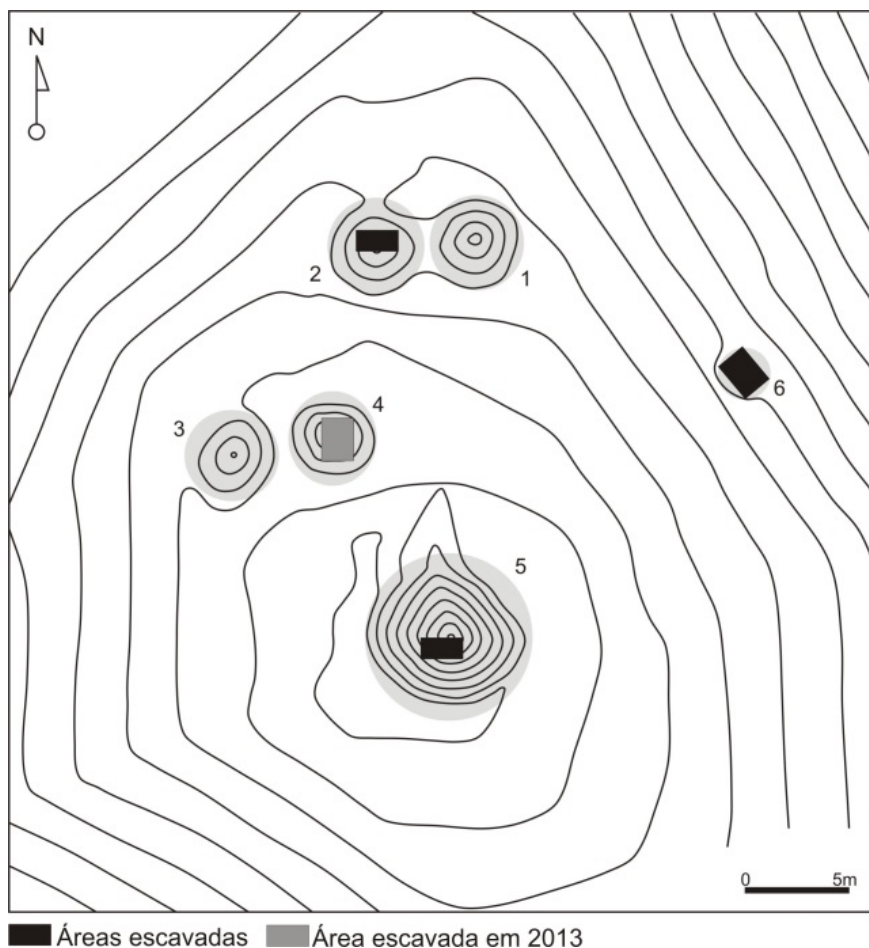


Figura 1. O sítio SC-CL-51 com indicação das casas e das intervenções.

Ele está em mata mista depauperada, em meio a uma paisagem de campo, na parte mais alta de uma ondulação de terreno, cercado por banhados rasos. Compõe-se de seis casas subterrâneas, sendo as casas 1 e 2, 3 e 4 geminadas de duas em duas; cada uma das 4 mede aproximadamente 5 m de diâmetro. A casa 5 mede 7,60 m de diâmetro e a casa 6 menos de 5 m. Elas estão distribuídas em pequeno espaço: a casa maior na parte levemente mais elevada do terreno, as demais em declive um pouco inferior (Ver Figura 1). O sítio dista aproximadamente 100 m da casa 5 do SC-CL-50, sobre a mesma ondulação do terreno.

Em janeiro de 2013 tinha sido feita uma escavação de 1,5 x 2,0 m na casa 4, que proporcionou certa quantidade de cerâmica, correspondente a vasilhame quebrado no lugar em que fora usado. Esta cerâmica aparecia desde o nível de 10-20 cm até o nível de 50-60 cm; nos níveis de 40 a 60 cm, ela vem acompanhada de pequenos blocos quebrados pelo calor do fogo, indicando que havia um piso sobre o qual estavam armadas as estruturas para o fogo. A amostra de carvão do nível de 50-60 cm, isto é do piso da ocupação mais densa, foi datada em 320 ± 30 anos AP, cal em dois sigmas 480 a 300 AP, AD 1470 a 1650 (Beta-351741). Abaixo deste nível continuavam os indícios de ocupação até 110 cm, com estruturas menores para o fogo, algum material lítico e pouca cerâmica, que sugeriam uma ocupação mais antiga, sem data (Schmitz *et al.*, 2013b).

Em janeiro de 2015 buscou-se complementar a caracterização do sítio com intervenções na casa 5, na casa 2 e na casa 6.

2.1. A casa 5 do SC-CL-51:

A casa 5 mede 7,60 m de diâmetro e 1,90 m de profundidade antes da intervenção; possui aterro plano, cuja largura varia entre 3 a 7 m. As paredes se tornaram menos verticais pela grande atividade de tatus e nelas cresceram árvores de diversos tamanhos, especialmente de bugre (*Lithraea brasiliensis*). No resto da casa e sobre o aterro só existia vegetação rasteira (Figura 2).

A vegetação herbácea do interior da casa foi removida e foi delimitada uma área de 1 x 2 m, um pouco deslocada do centro da estrutura para evitar grandes raízes das árvores. Até o nível arqueológico de 40-50 cm não se perceberam estruturas definidas. Mas no nível de 50-60 cm já apareceram as pontas das estruturas da camada inferior. Nos níveis de 60-70, 70-80 e 80-90 cm, até o piso de saibro, se registraram diversas estruturas de fogo e a escavação se tornou mais cuidadosa, mantendo os materiais no lugar original, registrando-os em desenhos e numerosas fotografias (Figuras 3, 4, 5 e 6).

O perfil estratigráfico, depois de uma camada superficial, de 20 cm de espessura, de sedimentos areno-argilosos, de coloração marrom avermelhado, com muitas raízes, perturbações e material intrusivo, mostra duas camadas arqueológicas sem subdivisões perceptíveis: a superior, com 60 cm de espessura, de sedimentos areno-argilosos, coloração avermelhada, com algum cascalho de basalto decomposto vindo da parede e raízes grandes das árvores próximas; contém muito carvão granulado, cerâmica e objetos líticos, mas sem estruturas definidas de fogo. Esta camada corresponde aos níveis arqueológicos

0-10 a 50-60 cm. A outra camada, com aproximadamente 40 cm de espessura, é de sedimentos areno-argilosos, de coloração marrom escuro, com menos raízes. Apresenta diferentes estruturas de fogueiras com muito carvão em grânulos grandes, bastante material lítico trabalhado formando as estruturas nas quais se conservaram recipientes quebrados no lugar do uso. Ela corresponde aos níveis arqueológicos de 60-70 a 80-90 cm. Esta camada repousa sobre sedimento argiloso compacto, com saibro avermelhado, sem material arqueológico. No centro da casa, em consequência da intensidade e continuidade do fogo originou-se uma fina e dura concreção de carvão com saibro. É o piso no qual repousam as estruturas registradas na camada anterior. A escavação terminou neste limite.

A seguir descrevemos os níveis de escavação.

Depois da retirada de uma camada proveniente de decomposição de vegetais e entulho produzido por tatus e humanos, de uns 0,20 m de espessura, começou a contagem dos níveis arqueológicos, que são 9. A escavação alcançou 1,10 m.

Nível arqueológico 1: Sedimento solto, raízes de árvores próximas, carvão em grânulos grandes, saibro da parede, nós de pinho e um pequeno buraco com 4 copos plásticos rasgados. Cerâmica: nada. Lítico: 4 objetos.

Nível arqueológico 2: Sedimento mais compacto, raízes de árvores próximas, concentração de carvão em grânulos grandes, algum saibro originado da parede, continuação do buraco de lixo. Cerâmica: 1 fragmento em espinha-de-peixe. Lítico: 4 objetos.

Nível arqueológico 3: Por causa do desmoronamento da parede a ocupação está reduzida à parte central da casa. Sedimento como no nível anterior, raízes finas e grossas das árvores próximas, carvão em grânulos grandes, de saibro originado da parede, duas pequenas concentrações de cerâmica. Cerâmica: 30 fragmentos simples, 3 em espinha de peixe. Lítico: 54 objetos.

Nível arqueológico 4: A ocupação continua reduzida ao centro da casa. Raízes grossas, ainda saibro originado da parede. Sedimento como no nível anterior, carvão. Cerâmica: 30 fragmentos simples, 2 em espinha de peixe, 3 impressos, 5 pinçados. Lítico: 12 objetos.

Nível arqueológico 5: A ocupação do espaço se amplia, mas ainda não é total. Sedimento como no nível anterior. Raízes grossas, muita cerâmica dispersa, bastante material lítico, quartzos, carvão. Cerâmica: 53 fragmentos simples, 8 grossos vermelhos, 5 pinçados, 1 em espinha-de-peixe, 1 impresso, 1 borda perfurada. Lítico: 31 objetos. Foi recolhida cerâmica para análise de fitólitos e amidos.

Nível arqueológico 6: Todo o espaço está ocupado. Sedimento mais compacto, menos raízes grossas. Primeiros indícios de estruturas de fogo. Cerâmica: 113 fragmentos simples, 1 em espinha-de-peixe, 4 pinçados. Lítico: 44 objetos. (Figura 6).

Nível arqueológico 7: Todo o espaço está ocupado. Sedimento como no nível anterior, menos raízes. Começam a se delinear as estruturas de fogo armadas com artefatos líticos grandes e contendo muita cerâmica e carvão. A

cerâmica foi recolhida por grupos (1, 2, 3) quando aparecia agregada, mas as estruturas ainda não foram delimitadas porque os escavadores ainda não se tinham dado conta delas; pelo registro do material na planilha, as fotos do nível, a referência às estruturas dos níveis seguintes, sua localização pode ser identificada. Cerâmica: 135 fragmentos, dos quais 129 simples, 5 pinçados, 1 em espinha-de-peixe. Lítico: 35 objetos. (Figura 6).

Nível arqueológico 8: Todo o espaço está ocupado. Sedimento como no anterior, menos raízes grossas. Estruturas de fogo armadas com artefatos líticos grandes, muita cerâmica e muito carvão. Elas foram numeradas: estrutura 1, armada com blocos grandes e médios de pedra e fragmentos de ao menos 3 vasilhas, uma simples avermelhada, uma brunida preta, uma incisa em espinha-de-peixe, além de quartzo. Estrutura 2, composta por fragmentos de uma vasilha brunida preta. Estrutura 3, composta por vários blocos e os fragmentos de uma vasilha brunida preta. Estrutura 4, composta por blocos de pedra e fragmentos de uma vasilha simples avermelhada; nela foi coletada a metade de outra vasilha para análise de fitólitos e amidos. A estrutura 5 não ficou bem definida porque os escavadores ainda não se tinham conscientizado de que estes blocos formavam uma estrutura de fogueira. Cerâmica: 180 fragmentos, dos quais 160 simples, 9 pinçados, 5 em espinha-de-peixe, 1 impressão de cestaria, 1 unglado, 4 incisos horizontais. Lítico: 17 objetos. (Figura 6).

Nível arqueológico 9: Seguem aparecendo estruturas de fogo, a maior parte correspondendo à continuação das registradas nos níveis anteriores, outras representando seus desdobramentos, eventualmente ocupando um espaço vazio entre aquelas. A estrutura 1 é a parte inferior das estruturas 1 e 2 do nível 8. A estrutura 5 é parte da estrutura 3 do nível 8. A estrutura 3, com uma vasilha brunida preta, está entre a estrutura 1, 2 e 3 do nível 8. A estrutura 2 está entre as estruturas 3, 4 e 5 do nível 8. A estrutura 4 ocupa lugar vazio no nível 8. Cerâmica: 122 fragmentos, dos quais 117 simples, 3 pinçados, 1 em espinha-de-peixe, 1 unglado. Lítico: 55 objetos. (Figura 6).

Da parede, ao retificar o perfil, foram recolhidos mais 19 fragmentos, dos quais 15 são simples, 2 pinçados, 2 em espinha-de-peixe.

O nível 9 foi datado por rádio carbono em 330 ± 30 AP, cal com 2 sigmas 450 a 355 e 340 a 295 AP, AD 1500 a 1595 e 1610 a 1655 (Beta 411919).

As estruturas dos níveis arqueológicos 60-70, 70-80 e 80-90 cm ocupam o piso todo da casa, que é plano e está limitado por paredes quase verticais. Este espaço foi reduzido nos níveis superiores com o desaparecimento de telhado e o consequente desmoronamento de paredes.

A continuidade das estruturas em três ou quatro níveis indica permanência de ocupação. Os artefatos líticos utilizados para produzir as estruturas deram oportunidade para estudar sua produção, morfologia, uso e descarte (Ver item 7). A não remoção das painéis de cima das estruturas de fogo fez que elas se desfizessem em fragmentos grandes facilitando sua reconstituição e utilização (Ver item 8). Os micro e macro restos aderentes a suas paredes ainda não puderam ser estudados.

Tomando como referência o número de estruturas de fogo, evidenciadas no pequeno espaço do corte, pode-se inferir que teria havido várias mulheres na

casa, que poderiam ser de famílias associadas ou de um homem polígamo, como um cacique.

A casa 5 apresenta-se como o centro de pequeno núcleo de povoamento. Sua construção seria como outras casas médias a grandes da área, com paredes verticais, piso plano e amplo, um telhado em forma de chapéu chinês apoiado sobre o aterro circundante. Sua ocupação, por uma família extensa ou polígama, se continuaria durante anos. Em algum momento o telhado se teria deteriorado e as paredes esboroando teriam reduzido o piso, que se tornou abaulado e sem fogueiras estruturadas como na primeira ocupação. As paredes desmoronadas serviriam, então, de rampa de acesso e uma cobertura mais simples daria o abrigo necessário. Os moradores já seriam poucos, talvez uma família nuclear, a ocupação passageira e logo a tapera seria mais uma vez abandonada. É o que representam os níveis 3 e 4.

A primeira ocupação da casa 5 tem semelhanças com a segunda ocupação da casa 4, nas estruturas de fogo, na densidade cerâmica e na continuidade de ocupação, porém em escala superior. Lembramos que a casa 4 foi datada por rádio carbono em 320 ± 30 AP, cal com dois sigmas em 480 a 300 AP, AD 1470 a 1650 (Beta-351741).

Ao redor da casa 5 foram abertos 4 cortes de 1 x 1 m para verificar a ocupação do espaço externo e as atividades nele exercidas. Os cortes foram feitos em 4 direções, na borda externa do aterro. As escavações, que na superfície tinham restos do aterro, alcançavam o solo original a 30 ou 40 cm.

O Corte 1, em direção à casa 6, produziu carvão disperso, um fragmento de cerâmica simples e pequenas lascas.

O corte 2, em oposição à casa 4, produziu carvão, 2 fragmentos de cerâmica simples, quartzos e pequenas lascas.

O corte 3, em oposição à casa 6, com pequenas estruturas de fogo, produziu carvão e 39 pequenos fragmentos de cerâmica simples, 2 vermelhos simples e 1 em espinha de peixe e 46 pequenos objetos líticos.

O corte 4, em direção à casa geminada 1-2, cheio de um emaranhado de raízes, só rendeu alguns quartzos.

O material dos cortes lembra que não todas as atividades eram realizadas no interior da habitação. A habitação seria lugar de refúgio para mau tempo, lugar de descansar e guardar objetos. O aterro circundante e a mata do entorno ofereciam terreno adequado para grande parte das atividades domésticas e a movimentação das pessoas, adultos e crianças.

As datas das casas 5 e 4 praticamente coincidem com a da criação da primeira estância paulista nos Campos de Lages, em 1629, e a passagem de grandes bandeiras ligadas ao aprisionamento dos índios catequizados pelos jesuítas no Rio Grande do Sul nas décadas de 1630 e 1640. São as últimas datas do povoamento por casas subterrâneas na Boa Parada.



Figura 2. A casa 5 do sítio SC-CL-51: a depressão e o aterro.



Figura 3. Corte estratigráfico na casa 5 do SC-CL-51.



Figura 4. Estruturas de fogo no nível 8 do corte feito na casa 5 do SC-CL-51.



Figura 5. A estrutura de fogo 3 do nível 8, com suas pedras e sua cerâmica.

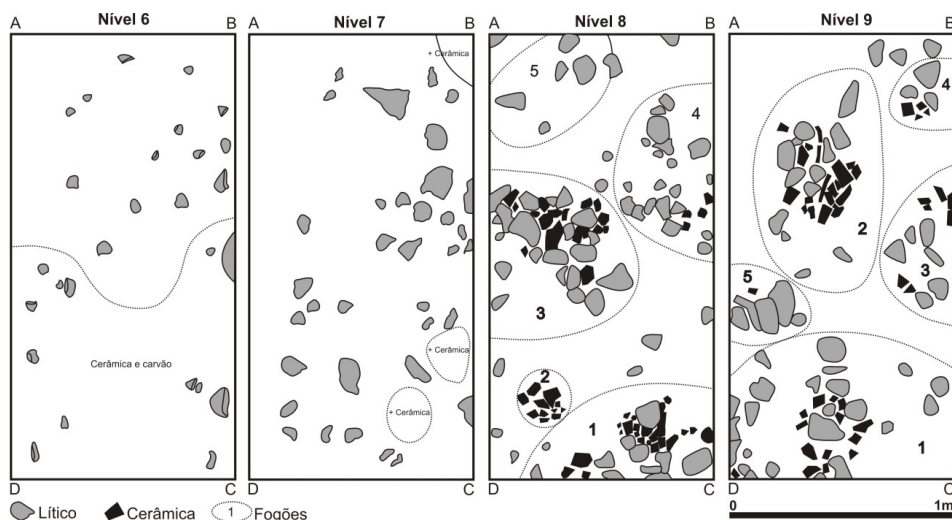


Figura 6. O material registrado nos níveis 6 a 9 no corte estratigráfico da casa 5 do SC-CL-51.

2.2. A casa 2 do SC-CL-51:

A casa 2 formava uma habitação geminada com a 1 (Figura 7). Em rasa calota de esfera, media 5 m de diâmetro e 0,90 m de profundidade. Ela foi escolhida para testar a ocupação da casa 4, também parte de uma estrutura geminada. Nela não havia árvores como nas casas geminadas 1 e 3, que tornariam a escavação mais difícil.

Ao fazer a retirada da vegetação notou-se, perto do centro, uma depressão de aproximadamente 1 m de lado, acompanhada do acúmulo correspondente de terra, que pareciam resultar de um corte arqueológico de pouca profundidade. Fugindo do buraco, foi aberto um corte de 1 x 2 m, aprofundado até 1,10 m, depois alargado por mais 0,50 m em direção ao centro da casa, que só foi aprofundado até 30 cm.

Ao retirar o entulho formado pela terra do buraco mencionado, por atividades de tatu e por resíduos vegetais, foi encontrado um fragmento de cerâmica simples, deslocado de sua posição original. A partir daí iniciaram os níveis arqueológicos.

No primeiro nível, de sedimento argilo-arenoso, pegajoso por causa do apodrecimento dos resíduos vegetais e da umidade provocada por trovoadas diárias, havia raízes de arbustos e de vegetação herbácea; nele foram recolhidos 7 objetos líticos, nenhuma cerâmica.

No segundo nível, ainda com pequenas raízes, o sedimento manteve as mesmas características, mas se tornou um pouco mais consistente, começando a delinear uma área escurecida em direção ao centro da casa. Foram encontrados 28 pequenos fragmentos cerâmicos simples, 2 fragmentos escuros e grossos, 8 fragmentos de ungulado irregular e 16 objetos líticos.

No terceiro nível, contra a parede da casa o sedimento se tornou mais claro e consistente com fragmentos de saibro; na porção média do corte, em sedimento escurecido, surgiu conjunto de cerâmica frágil composto por 21 fragmentos simples e 6 fragmentos de unulado irregular, mais 20 objetos líticos.

No quarto nível o sedimento se tornou marrom claro e mais compacto contra a parede; na área escurecida apareceu um pequeno lugar de fogueira; carvão disperso foi recolhido pelo nível; também 32 pequenos fragmentos cerâmicos simples, 2 pinçados, 1 simples grosso, 1 unulado irregular, 10 objetos líticos. Foram recolhidas amostras de carvão e de solo para análise.

No quinto nível o sedimento continua marrom amarelado, com saibro, contra a parede. No sedimento escurecido foi coletado mais um pouco de carvão, 7 fragmentos cerâmicos simples, 16 objetos líticos.

No sexto nível, em direção à parede, continua o saibro marrom amarelado; na parte restante o sedimento é escurecido e apresenta um arranjo de pedras com carvão no entorno. Foram recolhidos 2 fragmentos cerâmicos simples e 1 pinçado, 10 objetos líticos.

No sétimo nível continua o sedimento como no nível anterior; na parte escurecida foi coletado muito carvão, junto com 3 objetos líticos.

No oitavo nível continua a mancha escura na parte central da casa; foram recolhidos poucos grânulos de carvão, nenhuma cerâmica, 16 objetos líticos.

No nível arqueológico nove já não foram escavados os 50 cm próximos da parede, onde o sedimento continuava sendo de saibro. No resto do corte, onde o solo continua escuro, apareceram alguns blocos e, na extremidade do corte, uma pequena armação de pedras com bastante carvão. Ao todo 7 objetos líticos.

No décimo nível continuam os blocos isolados e a estrutura de fogo. Poucos grânulos de carvão, nenhuma cerâmica, 8 objetos líticos.

O nível 11 só foi escavado parcialmente.

A cerâmica recuperada no corte corresponde a 1 recipiente simples fino, 1 simples grosso, 1 pinçado, 1 pinçado irregular. Ela possui as características descritas no item 8. Nada apareceu no acréscimo ao corte.

O perfil do corte (Figura 8) mostra uma camada de entulho proveniente da decomposição de elementos vegetais, acrescida de atividade animal e humana. Segue um pacote de sedimentos areno-argilosos mais soltos, escurecidos, que preenchem a depressão em calota de esfera escavada em solo marrom amarelado, saibroso, mais compacto, proveniente da decomposição do basalto local. Em toda a camada escurecida existe alguma estruturação e cerâmica, com exceção dos níveis 1, 8, 9 e 10. Para os níveis cerâmicos existe carvão que pode ser datado. A falta de cerâmica nos níveis mais profundos ainda não é explicada.

Os objetos líticos se compõem de fragmentos naturais, pedras quebradas pelo fogo, lascas, núcleos, percutores e seixos não característicos. Os artefatos se assemelham aos descritos no item 7.

A ocupação foi pouco efetiva, semelhante à da casa 6, e bastante diferente daquela das casas 4 e 5.

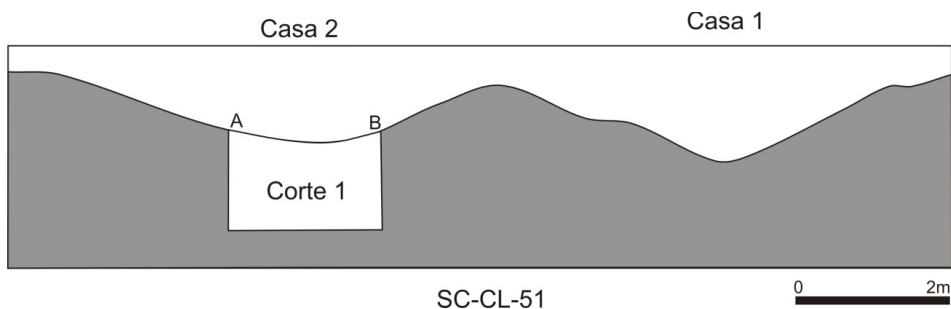


Figura 7. Perfil da a casa geminada 1-2 do SC-CL-51 com o corte na casa 2.

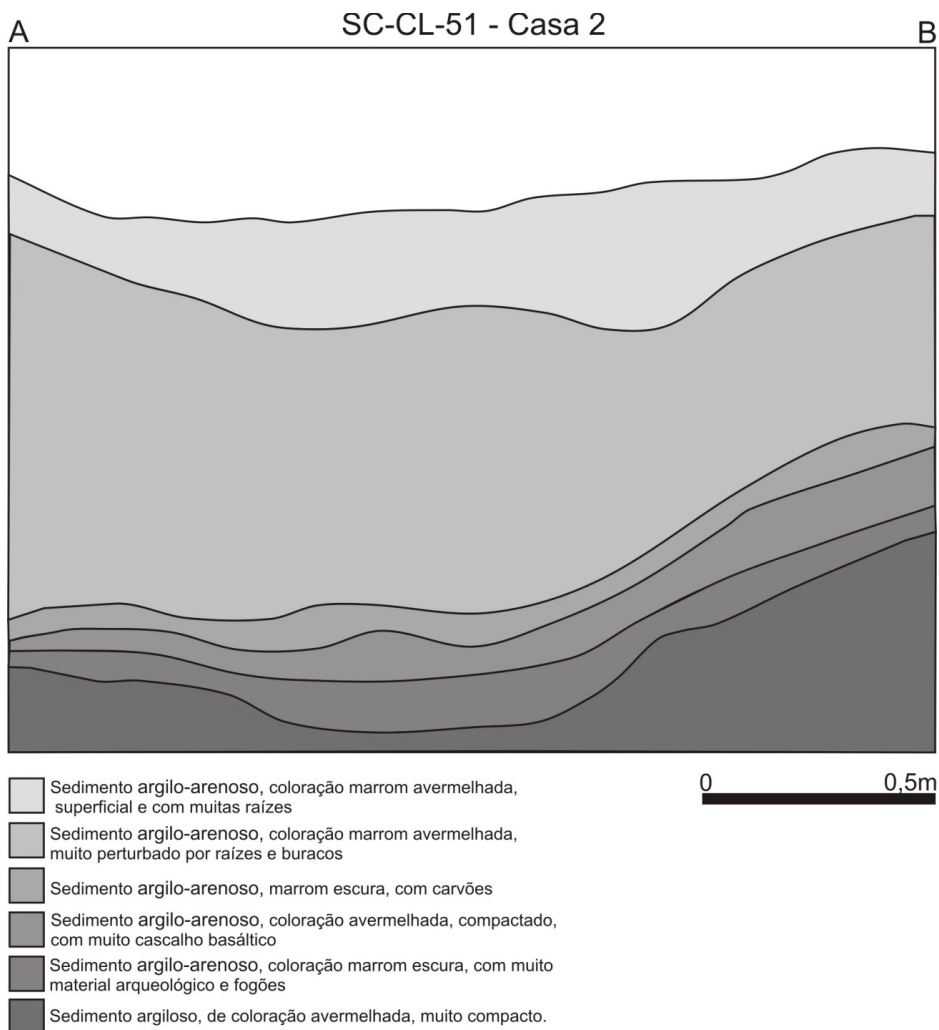


Figura 8. Perfil do corte na casa 2 do SC-CL-51.

2.3. A casa 6 do SC-CL-51:

Em rasa calota de esfera, mede menos de 5 m de diâmetro, 0,50 m de profundidade e possui aterro só na parte do declive do terreno. Em paredes opostas crescem árvores de bugre (*Lithraea brasiliensis*) que tornaram a escavação mais complicada por causa de suas muitas raízes, que provocam alergias. Ela estava coberta por vegetação herbácea que foi removida, deixando limpa a depressão e a borda ou aterro até onde atingiria o telhado. No centro da depressão foi delimitada uma quadrícula de 1,5 x 2 m de lado, espaço disponível para uma escavação. Os sedimentos foram removidos de 10 em 10 cm até 0,70 m de profundidade.

Nível 1: composição de matéria orgânica e muitas raízes; cor marrom; consistência frouxa, 1 fragmento cerâmico simples, 1 pinçado, 1 objeto lítico.

Nível 2: na parte central ainda predominantemente matéria orgânica, um denso emaranhado de raízes grandes e pequenas; em direção à parede já aparece solo saibroso, mais claro e compacto. Ali foram encontrados 4 fragmentos cerâmicos simples, 1 pinçado e 2 objetos líticos.

Nível 3: sedimentos como no nível anterior, com o solo saibroso aumentando junto à parede. 5 fragmentos cerâmicos simples, 1 pinçado, 4 objetos líticos.

Nível 4: aumenta a superfície do solo saibroso; na parte, mais profunda, continua a camada escura. Não consta material.

Nível 5: Reduz-se ainda mais a camada escura. A cerâmica e o lítico acompanham a superfície da camada clara: 13 fragmentos cerâmicos simples, 1 pinçado, 33 objetos líticos.

Nível 6: Continua a redução da camada escura. Na superfície da camada clara, isto é sobre o piso da casa, apareceram 19 fragmentos cerâmicos simples, 1 vermelho simples grosso, 1 pinçado, 40 objetos líticos e junto deles foi recolhido carvão.

O perfil está representado na Figura 9.

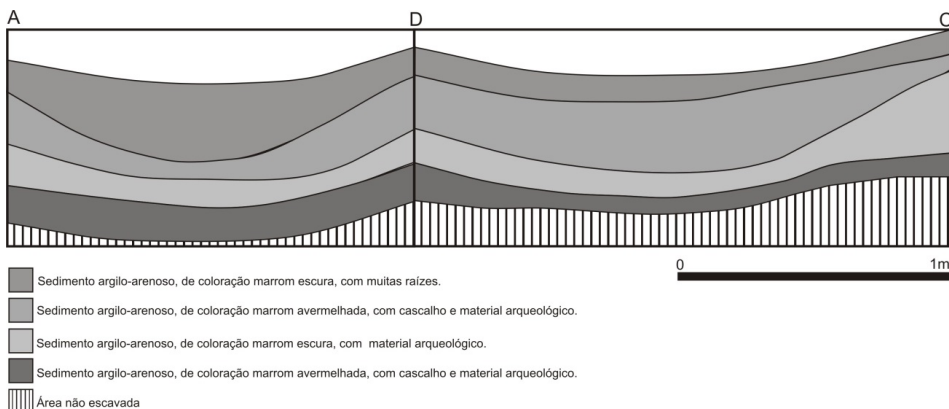


Figura 9. Perfil do corte na casa 6 do SC-CL-51.

A cerâmica recuperada corresponde a 4 recipientes, sendo 2 simples, 1 vermelho e 1 pinçado. Ela possui as características descritas no item 8.

Os objetos líticos se compõem de fragmentos naturais, pedras quebradas pelo fogo, lascas, núcleos, percutores e seixos não característicos. Os artefatos se assemelham aos descritos no item 7.

A casa, numa depressão em rasa calota de esfera, provavelmente com telhado pouco desenvolvido, teve uma ocupação cerâmica de pouca intensidade e pouca duração, que corresponderia a uma família.

2.4. Considerações sobre o sítio:

Com os dados parciais resultantes das escavações no sítio SC-CL-51 pode-se criar a seguinte hipótese sobre o assentamento. O sítio é um conjunto de habitações, sem outros monumentos de terra na proximidade. Nele existia uma casa líder, que se caracterizava por estar em posição mais elevada, ser maior e mais funda, com largo e raso aterro preparado para servir de suporte a uma cobertura em forma de chapéu chinês. Ela possuía estruturas de fogo duradouras e nelas permanecia vasilhame diversificado de pequena, média e grande capacidade volumétrica. As estruturas da casa e o extraordinário tamanho do vasilhame indicam ocupação por um número maior de pessoas, com permanência temporal enquanto permanecia a cobertura original; e a ocupação de um grupo menor depois que o telhado se deteriorou e as paredes começaram a se esboroar.

Muito perto, ao redor, em posições um pouco inferiores, com tamanhos menores e menor profundidade, temos duas casas geminadas, cada uma composta por duas depressões debaixo de uma só cobertura, além de uma pequena casa isolada. Uma das estruturas (número 4) de uma das casas geminadas apresenta alguma densidade e continuidade de ocupação; a outra (número 2), uma ocupação menor; nas casas geminadas é preciso ter cuidado para não transferir os dados da depressão escavada para a depressão não escavada, que pode ter ocupação e cronologia diferentes (ver Schmitz *et al.*, 2013b para SC-CL-43, casas geminadas 4/5). A pequena casa 6 partilha as características da casa geminada pouco densa.

O sítio, com suas quatro estruturas habitacionais hierarquizadas, em espaço reduzido, separado de outros sítios, sugere assentamento de grupo social formado por um líder e seus seguidores, no século XVII; não mais a habitação do líder e de seus seguidores numa só casa grande, como no século XI, mas habitações separadas para a liderança e os seguidores num espaço muito limitado. Esta temática voltará mais claramente na discussão.

3. ATIVIDADES NO SC-CL-50: A CASA 3

Localização geográfica: 27°38'15.40" S – 50°36'12.5" O.

O sítio compõe-se de 5 casas dispostas no topo, na alta e média vertente de uma crista do terreno, com declives acentuados em três lados, terminando em banhados fundos, quase lagoas, drenadas por um córrego insignificante. As casas estão em mata mista depauperada, onde pastam as

vacas do proprietário. O sítio dista 300 m do SC-CL-51, na continuidade da mesma crista.

Todas as casas têm os correspondentes aterros niveladores mais ou menos preservados. Uma das casas grandes, a de número 1 no croqui (Figura 11a), situada em nível levemente inferior às outras, está permanentemente alagada porque em algum momento a elevação do lençol freático a invadiu. Não se observaram aterros independentes na proximidade.

As casas 1, 2 e 3, com aproximadamente 12 m de diâmetro cada uma, distam entre si de 10 a 12 m; a casa 4, com 6 m de diâmetro, dista aproximadamente 40 m; a casa 5, semelhante às casas de 1 a 3 só foi descoberta nesta expedição; está a meio-caminho entre as mencionadas casas e o sítio SC-CL-51 e ainda não foi estudada.

A casa 3 tem 12,40 m de diâmetro e é pouco profunda. O aterro circundante é bem alto, tem 3 a 5 m de largura e a superfície apresenta a típica inclinação de sua borda externa para a borda da casa, indicando a implantação do telhado em forma de chapéu chinês, como nas outras casas grandes. As paredes de dois lados opostos apresentam-se ainda bastante verticais; as paredes intermédias são mais inclinadas, como rampas. O piso da casa é amplo, mas os entulhos ao longo das paredes e as possíveis rampas o tornam abaulado. Nas paredes e sobre o aterro cresceram grandes árvores, mas o piso tinha apenas vegetação herbácea.

A limpeza anterior à instalação do corte abrangeu, além do espaço da escavação, um trilho, partindo do corte se prolongava até a superfície externa com o fim de visualizar melhor o aterro, a parede e uma rampa que conduz ao interior. O corte, apesar de colocado no centro da depressão, mostrava, tanto na superfície como nas camadas, que não estava na parte mais funda da casa; esta se encontra na continuação da plataforma até o lugar em que se realizou a intervenção anterior. Os indícios sugerem que a rampa foi construída na segunda ocupação, depois da queda do telhado e parcial desmoronamento das paredes.

Em janeiro de 2013 foi realizado um corte de 1,5 x 2,0 m no final da mencionada rampa, onde a casa era mais funda. Nele apareceram claramente duas camadas, a superior com aproximadamente 30 cm de espessura, de tonalidade cinza, com estruturas de fogo especialmente na proximidade da parede e certa abundância de cerâmica; a inferior, marrom, também de aproximadamente 30 cm, com material lítico, mas sem cerâmica e com ao menos uma estrutura de fogo. A data de radio carbono do nível de 20-30 cm foi de 910 ± 30 anos AP, cal. dois sigmas 920 a 740 AP, AD 1030 a 1210 (Beta-351740). Ela foi considerada antiga para a quantidade e qualidade da cerâmica quando comparamos a data e a cerâmica com as correspondentes das casas 4 e 5 do vizinho sítio SC-CL-51, que são do século XVII de nossa era.

Em janeiro de 2015 foi realizado novo corte de 1 x 2 m, na continuação do anterior (Figura 10). Este corte, no centro da estrutura, está sobre o final da rampa que, partindo do aterro mais alto da borda, proporciona suave descida ao meio da construção. A partir do final do novo corte começava o anterior, na outra metade da casa, em que se concentrava abundante cerâmica junto a estruturas

armadas como fogões predominantemente junto à parede ascendente, o que sugere uma ocupação recente.

No perfil do corte (Figura 11b) se destacaram três camadas: 1- sedimentos areno-argilosos de cor marrom escuro, consistência solta, muitas raízes, material arqueológico e carvão; espessura aproximadamente 35 cm; 2- sedimentos areno-argilosos de cor avermelhada, com algum cascalho (saibro), poucas raízes, pouco material arqueológico, mas com carvão; espessura aproximadamente 35 cm; 3- Sedimentos argilosos avermelhados, mais compactos, com saibro (piso da casa).

Os correspondentes níveis de escavação são os seguintes:

Nível 1 (0-10 cm): camada de entulho composto de sedimentos argilo-arenosos, de cor marrom, pouco compactados, com raízes e blocos de basalto em decomposição.

Nível 2 (10-20 cm): sedimentos argilo-arenosos com raízes, fragmentos de basalto em decomposição (saibro), ocorrência de lascas (2), núcleos (2), blocos naturais (3) e carvão, provavelmente recente. Cerâmica: 2 fragmentos simples, 2 com impressão de cestaria.

Nível 3 (20-20 cm): sedimentos argilo-arenosos com raízes, fragmentos de basalto em decomposição (saibro), ocorrência de lascas (3), núcleos (5), blocos naturais (5) e carvão, provavelmente recente. Cerâmica: 21 fragmentos simples, 1 com impressão de cesto.

Nível 4 (30-40 cm): sedimentos argilo-arenosos; na parte ascendente já com bastantes blocos de basalto em decomposição (saibro), núcleos (4) e pontos de concentração de carvão; na parte descendente com poucos blocos de basalto em decomposição, algumas lascas (4), núcleos (1) e carvão concentrado e disperso, não recolhido. Cerâmica: 15 fragmentos simples, 3 com impressão de cestaria.

Nível 5 (40-50 cm): sedimentos areno-argilosos, lascas e lítico não identificado. Cerâmica: 2 fragmentos simples.

Nível 6 (50-60 cm): sedimentos areno-argilosos, lascas (2), carvão recolhido em toda a extensão. (Ver Figura 12)

A cerâmica corresponde a 4 vasilhas: 2 com impressão de cestaria, 1 simples com lábio sem reforço e outra com o respectivo reforço. No corte anterior também tinham aparecido fragmentos de dois vasilhames com impressão de cestaria. Os instrumentos líticos são comparáveis aos descritos no item 7. A cerâmica apresenta as características descritas no item 8.

Comparando os 46 fragmentos encontrados em o novo corte de 2 m² com os 163 do corte anterior de 3 m² percebe-se grande diferença numérica. Ela sugere que as estruturas de fogo nas quais estava a cerâmica se concentravam num lado da casa, contra a parede, no final da rampa que dava acesso ao exterior.

Também não havia certeza se a cerâmica encontrada era tão antiga quanto indica a data da casa, isto é século XI. Comparando, então, o material com o dos vizinhos sítios SC-CL-52 e SC-CL-51 notou-se que ele é diferente do primeiro, datado do século XI (Ver item 8, Figura 28), mas igual ao do segundo, datado do século XVII (Ver item 8, Figura 27). A conclusão é que a concentração

cerâmica da casa 3 é de uma reocupação da antiga casa, sem reconstruí-la totalmente, mas produzindo uma rampa interna para mais fácil acesso e, no final desta, uma nova ocupação.

O sítio SC-CL-50 é um sítio habitacional, com casas grandes, plurifamiliares, de um período antigo de ocupação, reocupado em momento muito posterior.



Figura 10. Corte 2 na casa 3 do SC-CL-50.

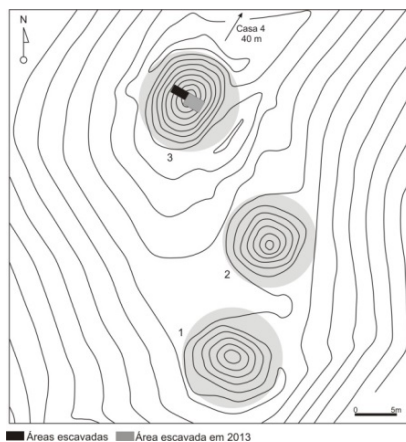


Figura 11a. Localização da casa 3 do SC-CL-50.

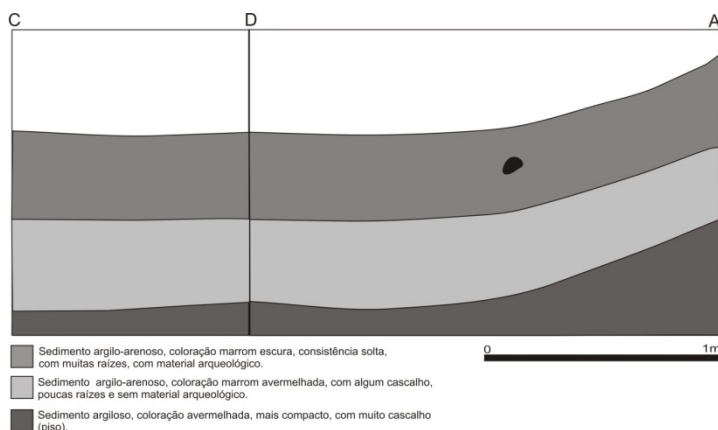


Figura 11b. SC-CL-50, perfil do corte 2 realizado.

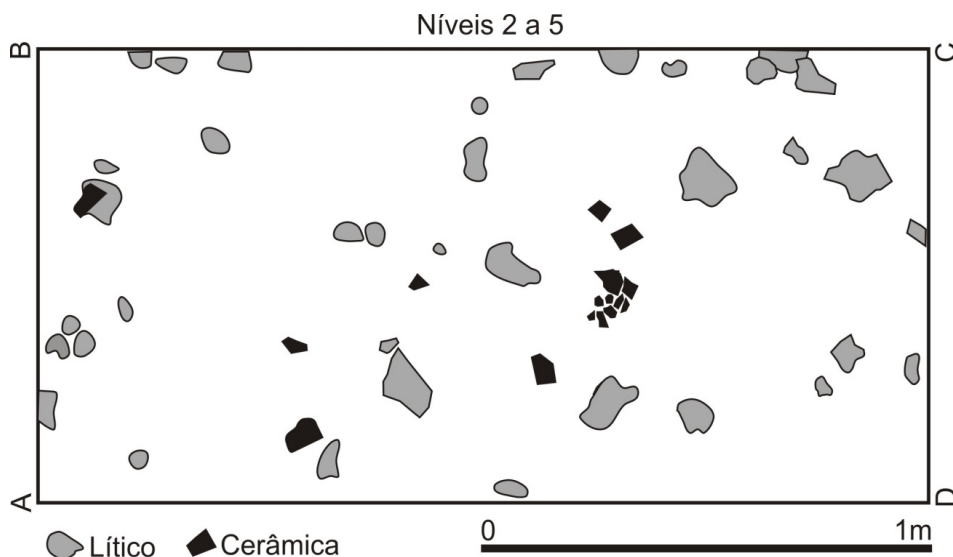


Figura 12. Material que apareceu nos vários níveis do corte 2 do SC-CL-50.

4. ATIVIDADES NO SÍTIO SC-CL-45

Localização geográfica: 27°38'26.60"S – 50°35'51,20"O

Proprietário do terreno: Alfredo Melo Sobrinho, morador em São José do Cerrito.

O SC-CL-45, na margem esquerda da rodovia federal BR-282 para Campos Novos, é um conjunto de onze casas subterrâneas, de diferentes tamanhos e dois montículos alongados, possivelmente funerários (Reis, 2007). As estruturas estão agrupadas e enfileiradas na proximidade de um alongado afloramento rochoso que forma um degrau saliente, com duas interrupções que

servem de passagem para subir a encosta, onde a 40 m se encontra o sítio SC-CL-47 de apenas uma casa grande, com 7 m de diâmetro e destacado aterro nivelador externo, na qual não houve intervenção por conter muitas árvores. A 130 m encontra-se o SC-CL-46, constituído por três aterros-plataforma, de aproximadamente 20 m de diâmetro e 1 m de altura cada um, os dois primeiros no alto da elevação, o terceiro, em semelhante elevação, distante mais 150 m, depois de passado pequeno banhado. Os sítios SC-CL-45 e SC-CL-47 estão na vertente de uma lombada com mata secundária aberta e piso de gramíneas, que se estende por ambos os lados da rodovia. As ondulações negativas que cercam os sítios deram origem a nascentes que se transformaram em banhados, onde os moradores teriam água permanente, algumas plantas e animais.

Antes de nosso trabalho não houve intervenções no sítio a não ser a construção da rodovia que tangenciou algumas casas. O objetivo da intervenção no sítio SC-CL-45 era verificar suas características e identidade, além de sua ligação espacial e temporal com os dois primeiros aterros-plataforma do SC-CL-46. Para ter uma visão completa da distribuição das estruturas no espaço foi realizada nova topografia englobando o sítio SC-CL-45 e SC-CL-47 (Ver Figura 13).

Como amostra do povoamento do sítio realizou-se uma intervenção tradicional em duas casas do SC-CL-45, na casa 1, geminada e na pequena casa 7.

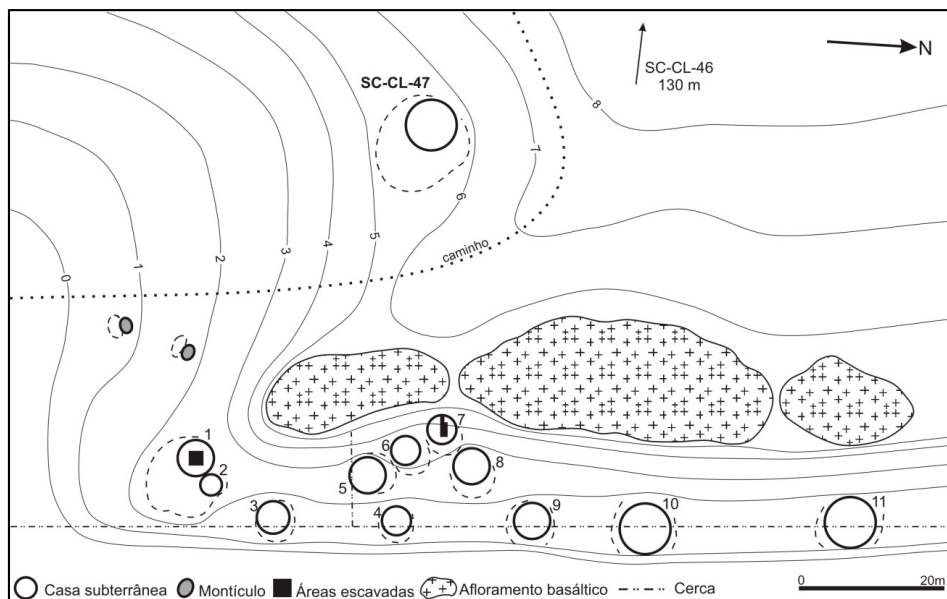


Figura 13. Croqui do SC-CL-45 com suas 11 casas e 2 montículos funerários e localização do SC-CL-47.

4.1. A casa 1 do SC-CL-45:

A casa 1 está próxima do antigo caminho que da rodovia BR-282 leva ao alto do morro e liga a com a antiga estrada geral. Ela estava coberta por grama e na sua borda, no lado ascendente, havia uma árvore de 'bugre' (*Lithraea brasiliensis*), cujas raízes penetravam fundo na estrutura. Em cima do aterro, que nivelava a borda no lado descendente do terreno, havia grandes tocos e árvores de eucalipto. Esta primeira depressão estava separada por uma parede rebaixada, de um metro de largura, de uma segunda depressão semelhante (2), bastante deformada por tocos de grandes eucaliptos cortados com a qual formava uma casa geminada. A pequena distância, na mesma linha, havia mais uma casa (3), bem conservada, semelhante à primeira.

A depressão da casa 1, em forma de calota de esfera, com a parte superior das paredes vertical, media 7,5 m de diâmetro por 1,5 m de profundidade antes da escavação; depois da escavação seriam 2,80 m. O aterro, no lado descendente do terreno é alto e se expande além do que seria necessário para a implantação do telhado, provavelmente porque sobrou terra após o indispensável nivelamento da borda, ou por intervenções posteriores na depressão.

A intervenção foi realizada no centro da casa, numa superfície de 2 x 2 m até uma profundidade de 1,30 m; ela abrangeu o piso e pequena parte das paredes em todos os quatro lados. Os sedimentos foram removidos de 10 em 10 cm acompanhando a inclinação das paredes, revisando-os com uso de colher de pedreiro, recolhendo abundante carvão em todos os níveis e raros artefatos que estão indicados abaixo. Foi desenhado o perfil da estrutura e de uma das paredes da escavação (Figuras 14 e 15).

A estratigrafia do sítio não é definida por causa da penetração de raízes, movimentação de terra por tatus e atividades humanas. A sucessão de camadas mais claras e mais escuras, com forte inclinação para o centro, acompanha a convexidade da depressão. No centro da estrutura havia mais carvão ao redor de três pedras, de aproximadamente 30 cm de tamanho, que apareceram em níveis sucessivos, uma de cada vez, aproximadamente no mesmo lugar; elas não tinham marcas de trabalho, mas pareciam colocadas ali intencionalmente como base de fogueiras, ou talvez para consolidar um esteio do telhado.

Neste lugar, no nível 4, foi encontrado, em pé, um pequeno recipiente, de pouco mais de 10 cm de diâmetro, de metal muito decomposto. Junto dele foram localizados dois pequenos fragmentos cerâmicos.

As camadas observadas nas paredes do corte não tinham limites bem definidos devido a vários tipos de perturbações, especialmente raízes e tatus, provavelmente também antrópicas. São as seguintes, de cima para baixo:

Camada I: sedimentos argilo-arenosos, marrom escurecidos, um pouco desagregados, com muitas raízes da árvore de 'bugre' da borda, algum carvão e objetos líticos introduzidos depois do abandono da casa.

Camada II, preenchendo a parte central da casa, como calota invertida, sedimentos argilo-arenosos, marrom escurecidos, mais desagregados, com bastante carvão e alguma cerâmica; raízes. Em sua superfície estava o pequeno

recipiente metálico mencionado, que, pelas datas da casa, deve ser considerado posterior à ocupação indígena. Pouco distinguível da camada III.

Camada III, ocupação inicial e principal da casa, presente em toda a superfície, às vezes grossa, às vezes dividida em dois estratos separados por pequena faixa estéril: sedimentos argilo-arenosos, marrom escuro, desagregados, com muito carvão, alguma cerâmica, raízes, muitos nós de pinho não carbonizados.

Camada IVa: junto ao vértice A, sedimentos argilo-arenosos, marrom claros, mais compactos, anteriores à ocupação principal, mas com alguma penetração de material da camada superior.

Camada IVb: junto ao vértice B, os mesmos sedimentos argilo-arenosos, marrom mais avermelhado. A camada IV já é o afloramento do substrato sem material.

O espaço ocupado dentro da depressão era pequeno porque as paredes, que em cima eram verticais, depois desciam em diagonal para um reduzido piso abaulado. Nas duas paredes que convergem ao vértice C, já avançava para dentro do corte o basalto decomposto da parede. No ângulo formado pelas paredes que convergem ao vértice D aparecia na base o substrato natural, sobre ele uma fina camada de ocupação, depois um estrato provocado por desmoronamento ou buraco de tatu, outra camada de ocupação e outro estrato provocado por desmoronamento ou buraco de tatu, fortemente inclinados para o centro. A partir de certa profundidade este quadrante não foi mais escavado, mas, na medida em que se aprofundavam os outros quadrantes, apareciam em suas paredes as camadas acima indicadas.

O carvão era abundante em todos os níveis artificiais da escavação porque estes cortavam em diagonal as camadas de ocupação e de entulho estéril. O carvão provém, em grande parte, da queima de vegetação de pequeno porte, especialmente taquara, galhos e grimpas de araucária, que produzem fogo rápido, deixam muita cinza e pouco carvão consistente. Da taquara aparecem muitos nós incompletamente queimados e dos arbustos, longos e finos cilindros carbonizados, mas também de corpos de pinhões. A grande presença de taquara queimada proporciona uma indicação sobre o ambiente imediato junto ao afloramento rochoso: floresta aberta, na qual a taquara costuma preencher, densamente, o nível intermédio.

Para datação radio métrica foi escolhida uma amostra de carvão do nível de 80-90 cm, num ponto da parede em que ele aparecia grande e abundante como num lugar de fogo; ele parecia bem representativo da principal ocupação da estrutura. Sua datação, entretanto, indicou que se trata de uma intrusão. A data é 0 ± 30 A.P., cal. posterior a 1950 AD (Beta-370821). Foi feita nova datação, a partir de carvão do piso da casa, que deu 320 ± 30 A.P., cal. com dois sigmas 1470 a 1650 AD (Beta-374021). Esta é uma data aceitável para uma casa muito perturbada e é compatível com a da casa 7 e dos aterros 1 e 2.

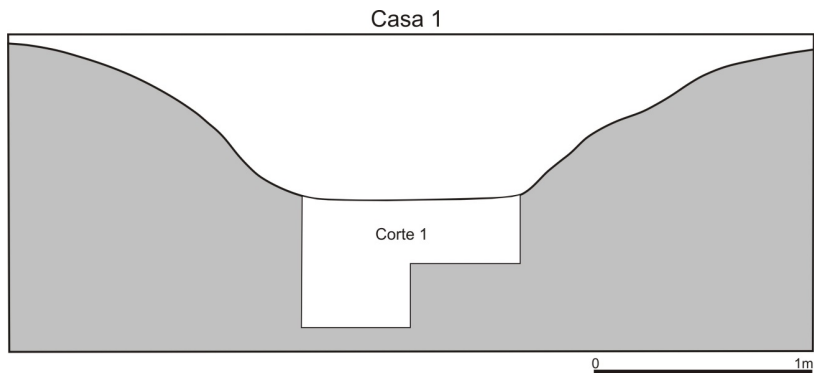


Figura 14. Perfil da casa 1 do SC-CL-45 com indicação do corte.

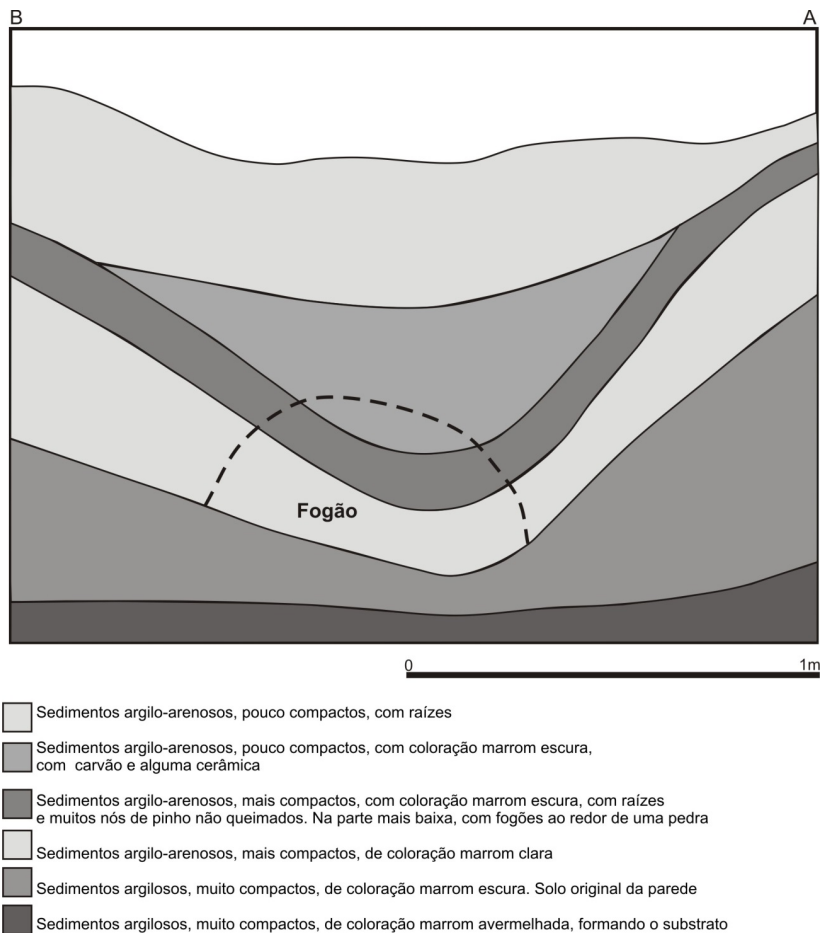


Figura 15. Perfil do corte feito na casa 1 do SC-CL-45.

Material por níveis: Nível 1: 3 cristais de quartzo lascados, 1 núcleo pequeno, 2 fragmentos-de-lascamento, 10 objetos nucleiformes e fragmentos lascados de basalto, que podem ser do tempo de construção da rodovia ou de outras atividades recentes. Nível 2: 1 núcleo de calcedônia ruim, 1 fragmento de calcedônia pequeno, 1 fragmento-de-lascamento pequeno em basalto, 1 cristal. Nível 3: nada. Nível 4: 3 fragmentos de cerâmica simples, 1 lasca pequena de calcedônia, 1 cristal de quartzo lascado, 2 cristais, um pequeno recipiente de metal muito deteriorado. Nível 5: nada. Nível 6: 3 cristais de quartzo lascados. Nível 7: 1 fragmento de cerâmica simples, 1 fragmento-de-lascamento pequeno, 1 fragmento-de-lascamento médio de basalto. Nível 8: 4 cristais. Nível 9: 1 lasca grande com redução na borda transversal. Nível 10: 1 lasca pequena de calcedônia meteorizada. Sem referência: 1 fragmento de cerâmica simples.

A casa foi usada mais de uma vez, de forma passageira. A ocupação indígena é marcada por poucos fragmentos de cerâmica e uma data do século XVI. A última ocupação da depressão foi recente, deixando em cima do fogo uma pequena lata com capacidade para aproximadamente 2 litros, cujas finas paredes se estavam desagregando. Também a pedra lascada dos níveis superiores sugere ser brita usada na construção da estrada. Nessa ocasião os trabalhadores da estrada podem ter usado a depressão para se abrigar e preparar sua refeição.

4.1. A casa 7 do SC-CL-45:

A casa 7 dista uns 30 m da casa 1 e se encontra em frente a uma das passagens do afloramento rochoso, que permite a subida para o topo da elevação, onde estão os aterros-plataforma 1 e 2. Ela estava coberta por grama e nela crescia um grande cipó com vários ramos, mas não havia árvores. Ela foi implantada em terreno com bastante alicive; a borda correspondente à parte mais elevada do terreno é marcada por conjuntos de pequenos blocos rochosos, colocados em função de uma cobertura. O aterro nivelador, no lado descendente do terreno, é pequeno. A depressão tem 5 m de diâmetro; antes da escavação, tinha 1,20 m de profundidade; após a escavação, 2,00 m.

A escavação foi feita do centro em direção à borda da depressão, com uma largura de 1 m e uma extensão de 2 metros. No metro do centro, a intervenção foi até 0,80 m de profundidade, onde encontrou a rocha ou bloco maior, que impediu a continuação; o metro ascendente do corte foi aprofundado apenas 0,10 m, já aparecendo a rocha basáltica decomposta, sob a forma de saibro grosso. A técnica da remoção foi a mesma da casa anterior. Foi realizado o perfil da estrutura, incluindo a profundidade da intervenção, mas não foram desenhados perfis de paredes com a sucessão de camadas, porque o espaço escavado era pequeno e continha grandes pedras, das quais foi produzido um desenho e uma fotografia, indicando sua posição e sequência (Figuras 16 e 17).

A camada arqueológica era composta pelo carvão de um lugar de fogo que preenchia todo o espaço entre as pedras, com pouquíssimos artefatos líticos (pequenos cristais lascados e lascas de calcedônia, lascas, fragmentos e núcleos de basalto) e 3 fragmentos cerâmicos. O carvão, como na casa anterior veio principalmente da queima de ramos de arbustos, pequenos galhos e

taquaras, além de pinhões queimados. O grande tamanho dos carvões indica fogo rápido e abafado entre os blocos, sem pisoteio. Uma amostra desse carvão foi datada em 360 ± 30 A.P., cal. com dois sigmas 1450 a 1640 AD (Beta-370822). A grande amplitude da data indica também ocupações rápidas sucessivas.

A forma da depressão é de um chapéu invertido, com larga aba caída e uma copa pequena, de apenas dois metros de diâmetro. A cobertura parece ter sido mais simples que a das casas maiores do mesmo sítio porque não existe o anel de implantação do telhado, nem a borda é bem nivelada. A impressão geral é de uma estrutura de acampamento de ocupação passageira.

Material por níveis: Nível 1: 2 núcleos muito grandes, 1 nucleiforme médio, 1 lasca grande, que provavelmente são posteriores à ocupação indígena, como na estrutura anterior. Nível 2: 1 lascão de basalto em forma de enxada. Nível 3: 1 lasca pequena, 1 núcleo grande, 2 cristais lascados, 1 lasca grande, 1 fragmento-de-lascamento pequeno de basalto, 1 cristal. Nível 4: 1 fragmento de cerâmica simples, 2 cristais lascados, 1 quartzo. Nível 6: 1 fragmento de cerâmica. Nível 7: 1 fragmento de cerâmica. Nível 8: 1 lasca de calcedônia, 1 lasca grande com retoque, 1 lasca média/grande de basalto. Sem referência: 1 lasca secundária pequena de basalto.

A hipótese era que as casas do sítio SC-CL-45 estariam ligadas aos aterros-plataforma 1 e 2, construídos a partir dos séculos XJV e XV de nossa era e utilizados durante várias gerações. As datas não discordam dessa hipótese. Os dados não ajudam a definir se as casas estavam ligadas à construção dos aterros-plataforma, à sua renovação ou à sua visitação periódica, possivelmente aos três momentos.



Figura 16. Corte na casa 7 do SC-CL-45.

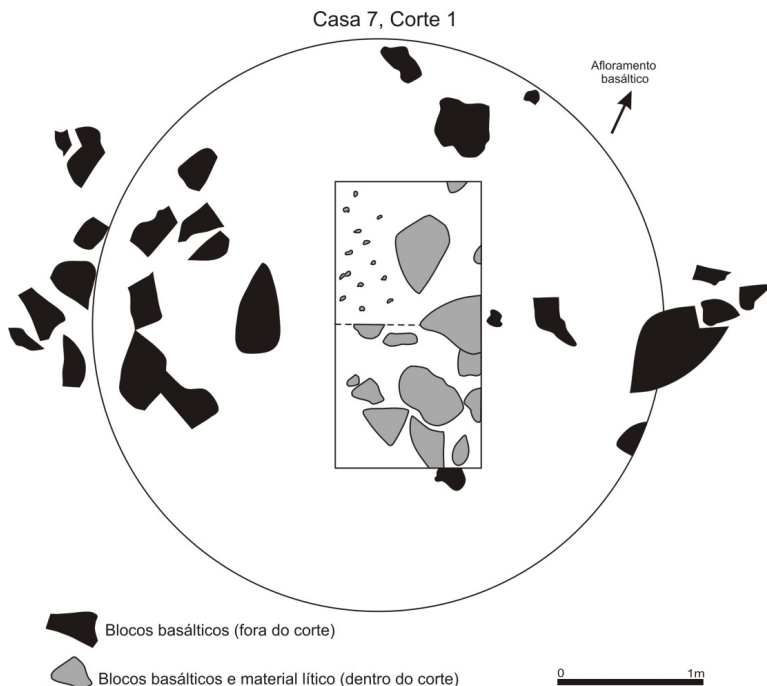


Figura 17. Croqui da casa 7 do SC-CL-45.

5. ATIVIDADES NO ATERRO-PLATAFORMA 3 DO SC-CL-46:

Localização geográfica aproximada: 27° 38'27.90" S – 50° 35' 58,30" O

O proprietário do terreno é Alfredo Melo Sobrinho, morador em São José do Cerrito.

O aterro-plataforma 3 encontra-se em campo limpo, na beira de mata secundária, em pequena colina que pouco se destaca no platô da Boa Parada; está circundado em dois lados por banhados de altura. Ele foi reconhecido em 2013, quando nele foi realizado um corte de 1 x 1 m, que mostrou uma estratigrafia com numerosas camadas, bastante cerâmica e carvão, que, na proximidade da base, resultou numa data de 910 ± 30 anos A.P., cal. com dois sigmas 1030 a 1210 AD (Beta-351742). O aterro é circular, com topo plano, tem 20 m de diâmetro e 0,90 m de altura; está circundado por um anel aplanado de 10 m de largura, que termina em pequeno degrau, mas não possui taipa (Figuras 18 e 19).

Antes de nossa chegada o proprietário do terreno fizera a limpeza por ser ponto de reunião do gado em certa hora da manhã. Com a limpeza, a borda se mostrou mais definida, tornando-se visível o anel de terreno nivelado que circunda o aterro, aumentando o diâmetro da estrutura de 20 para 40 m. A terra e

o saibro, que formaram as camadas do aterro, teriam aí ao menos parte de sua origem.

Para melhorar a compreensão da estrutura foi aberto, em continuidade à pequena intervenção anterior, um corte de 2 x 2 m, na parte central da superfície elevada e plana, removendo os sedimentos de 10 em 10 cm e revisando-os manualmente.

O aterro foi construído em deposições horizontais de aproximadamente 10 cm de espessura, de composição e coloração alternadas que, mais tarde, foram cortadas, da superfície até a base, por três grandes covas ligadas à cremação de indivíduos humanos. Com isso, as camadas originais permaneceram visíveis só nos espaços não atingidos pelas covas; elas tinham aparecido mais claramente no corte 1, adjacente, realizado anteriormente. Estas camadas horizontais, com limites verticais bastante marcados, são vistas nos perfis das quatro paredes do corte. São as seguintes, a partir da base (Ver Figura 21):

Camada 1: saibro marrom claro, compacto, da estrutura original do terreno no alto da colina. Espessura não definida.

Camada 2: estrato argilo-arenoso, marrom escuro, compacto, provavelmente ainda da composição original do terreno, sobre o qual foram depositadas as demais camadas. 12 cm.

Camada 3: denso estrato de saibro miúdo, marrom amarelado, compacto, depositado intencionalmente no início da construção, em superfície previamente aplanada. 14 cm.

Camada 4: estrato de cinza, coberta por fina lâmina de carvão granulado, tonalidade cinza escuro, compacto, contendo pequenos fragmentos de osso humano cremado. 10 cm.

Camada 5: sedimento argilo-arenoso, marrom escuro, com eventuais pequenos seixos de saibro oxidado provenientes de cova de cremação, compacto. 10 cm.

Camada 6: sedimento argilo-arenoso, marrom escuro, menos compacto que os anteriores devido a perturbações produzidas por atividades agropastoris. Em sua parte inferior há indícios de mais um estrato de saibro miúdo marrom amarelado (6-a). 50 cm.

A escavação cortou três covas ligadas a cremação. Todas foram abertas a partir da superfície atual do aterro. Seus limites e composição se tornaram visíveis nas paredes A-D (cova 1), C-D (cova 2), B-C e A-B (cova 3), após a escavação chegar perto da base.

Para facilitar a leitura estratigráfica, junto com os materiais do corte 2, colocamos a quantidade de cerâmica dos mesmos níveis do corte 1. A leitura é feita da superfície para a base, em sentido inverso ao da apresentação das camadas.

Nível 1: 65 fragmentos de cerâmica, 1 lasca média, 1 núcleo médio, 1 fragmento-de-lascamento pequeno, em basalto, mais concentrados na proximidade da estaca A, na periferia das covas de sepultamento. No corte 1, adjacente, não atingido por nenhum sepultamento: 14 fragmentos cerâmicos.

Nível 2: nenhuma cerâmica, 2 lascas pequenas, 17 lascas e fragmentos-de-lascamento médios, 1 nucleiforme médio, 3 blocos/núcleos bem grandes, 1

seixo grande, 1 lascão/talhador, todos de basalto, além de 8 cristais de quartzo lascados e 1 lasca de calcadônia, quase todos no espaço de um metro quadrado na proximidade da estaca C, onde também havia uma estrutura composta por 3 pedras de uns 20 cm, duas sadias trazidas, uma de saibro do fechamento da cova 2. Esta estrutura tinha aparência de armação de fogo. Este espaço está na intersecção das covas 2 e 3. No corte 1: 3 fragmentos cerâmicos.

Nível 3: nenhuma cerâmica, 1 lasca pequena, 1 lasca média, 2 lascas grandes, 2 núcleos muito grandes, de basalto, além de 2 cristais de quartzo lascados e 1 cristal, continuação do conjunto anterior. No corte 1: nenhuma cerâmica, nem outro material.

Nível 4: 1 fragmento de cerâmica. No corte 1: nenhuma cerâmica, nem outro material.

Nível 5: 1 fragmento de cerâmica, 2 cristais de quartzo lascados. No corte 1: 37 fragmentos cerâmicos.

Nível 6: 3 fragmentos de cerâmica, 3 cristais de quartzo lascados, 1 cristal. No corte 1: 11 fragmentos cerâmicos.

Nível 7: 4 fragmentos de cerâmica, 1 nucleiforme de basalto. No corte 1: 3 fragmentos cerâmicos.

Nível 8: nenhuma cerâmica, nem material lítico. No corte 1: 1 fragmento cerâmico.

Nível 9: nenhuma cerâmica, 1 lasca pequena e 1 núcleo pequeno de basalto, 1 lasca pequena de calcadônia, 3 cristais de quartzo lascados, 4 cristais. No corte 1: não escavado.

Nos níveis 8 e 9, correspondentes à camada 4, de cinza compactada e também ao fundo das 3 covas recentes havia numerosos pequenos fragmentos de ossos humanos mineralizados, com menos de 1 cm de tamanho.

A distribuição vertical do material mostra duas concentrações de material e um intervalo.

No nível 1 abundante cerâmica na proximidade da parede A-B e no anexo corte 1; no nível 2, pequena armação de fogo e material lítico junto ao ponto C, na intersecção das covas 2 e 3 (Figura 20); estas concentrações mostram que, em cima do aterro, associado às três cremações, houve um acampamento de certa duração, que ali deixou o vasilhame cerâmico e uma pequena estrutura de fogo.

Nos níveis 5, 6 e 7 outra concentração de cerâmica, mais acentuada no corte 1, menos no corte 2; ela poderia ser testemunho de acampamento ligado às cremações da camada 4.

Nos níveis 3 e 4 existe pouco material, que poderia indicar que houve um período de simples acumulação de terra, sem cremações; ou que as cremações e respectivos acampamentos estão em outra parte do aterro-plataforma.

As covas têm ao redor de 2 m de diâmetro na boca e suas paredes, atravessando as camadas horizontais das deposições anteriores, convergem para um fundo abaulado, mais ou menos amplo, onde atingem o estrato original do terreno a 0,90 m de profundidade.

A cova 2, visível na parede C-D, tinha a boca fechada por uma camada de saibro grosseiro, incluindo blocos de mais de 20 cm, de tonalidade marrom-

amarelada, com mais de 50 cm de espessura; no fechamento da cova este saibro também transbordou pelo entorno próximo. Partindo do saibro da cobertura, até o fundo da cova, existem sedimentos pouco estratificados, mais escuros, com bastante carvão.

A cova 1, da parede A-D, também tinha sido fechada com uma camada de saibro, porém menos concentrado, proveniente da borda da cova 2; a parte inferior dessa cova também continha sedimentos menos estratificados, escuros, com grandes grânulos de carvão (Figura 21).

A cova 3, da parede B-C e A-B, teve preparo diferenciado: forração inicial com uma rocha desagregada rica em ferro, conhecida como 'tacuru', que sob a ação do calor da cremação se transformou num leito vermelho de hematita mantendo uma borda roxa onde o material foi menos atingido pelo calor; com uma espessura de 30 cm no centro, esta forração diminuía de espessura em direção às bordas e ainda influenciava a correspondente camada do entorno. A parte superior desta cova recebeu uma cobertura também com a presença de saibro, porém menos densamente agrupado, originário da borda da cova 2; a camada com saibro tem mais de 30 cm de espessura no centro da cova.

A cova 2 foi a primeira. O saibro avermelhado que a cobria e se espalhava por seu entorno, foi cortado pelas duas covas seguintes, abertas em sua proximidade e se encontra misturado no sedimento que fecha estas covas. A estrutura é sempre a mesma: uma escavação cônica atravessando os estratos horizontais da construção do aterro até o substrato natural; mais da metade, depois, preenchida com sedimentos misturados, semelhantes aos dos estratos escavados; no fechamento saibro avermelhado (sepultamento 2) ou mistura com saibro avermelhado (sepultamento 1 e 3); na base mais escura de todas elas há muito carvão, em grânulos grandes, provenientes de madeiras duras e sãs, com marcas de terem sido cortadas e não simplesmente recolhidas entre ramos e troncos caídos na mata. Das três covas, a terceira, de base mais larga e forrada com uma rocha especial, com certeza é uma sepultura de cremação; das outras não podemos dizer se eram de cremação ou de deposição de restos de cremados.

Além destas covas, que estão claramente ligadas a cremação e deposição individual, é preciso lembrar que a camada 4, composta por cinza compactada, com uma leve cobertura de carvão granulado, também se originou de cremações e em seus 10 cm de espessura retém numerosos pequenos fragmentos de ossos humanos mineralizados. Esta camada tem a idade de 910 ± 30 anos A.P. Por seu volume de cinza, induz a pensar que a cremação, então, era uma prática; ela deu origem ao aterro-plataforma.

As covas abertas a partir da superfície do aterro, que atravessam e cortam esta camada, atingindo o substrato natural da colina, são naturalmente mais novas. Buscando uma aproximação à idade dessas últimas cremações, foi datado carvão do nível 3, base da última concentração de material. A data de 690 ± 30 anos A.P., cal. com dois sigmas 1270 a 1300 AD (Beta-370819), mostra uma diferença de 220 anos, ou 11 gerações humanas com relação à primeira camada de cremações. Nesta última data não se conhece nenhuma casa na Boa Parada; neste tempo a população parece estar em Santo Antônio dos Pinhos, como se

verá na discussão final. Mas por ocasião do ritual se fez um acampamento na superfície, como indicam os numerosos fragmentos cerâmicos e a estrutura de fogo.

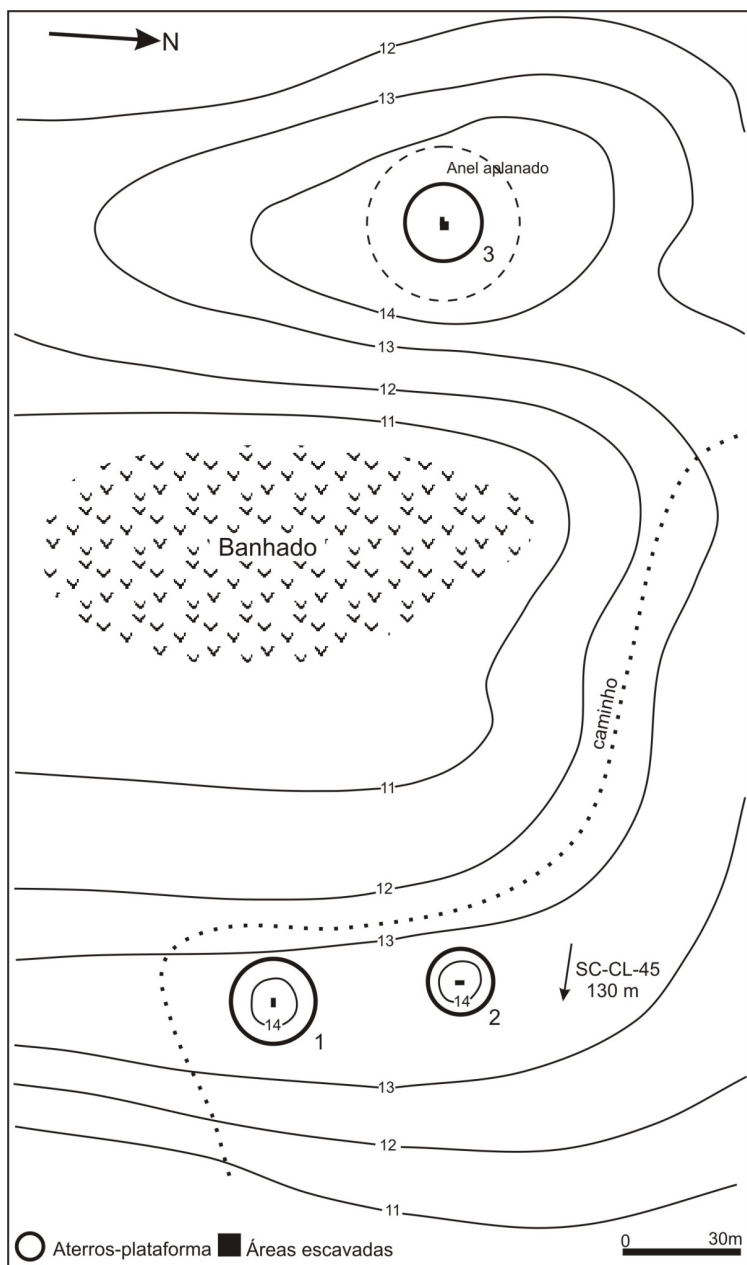


Figura 18. Croqui mostrando a localização dos aterros 1, 2 e 3 do SC-CL-46.

A densidade de testemunhos de cremação, num corte de apenas 4 m², suscita a questão da identidade e função do aterro-plataforma: monumento surgido a partir da deposição de falecidos através da cremação de seus corpos inteiros ou esqueletos descarnados, ou monumento construído como centro cerimonial no qual também se depositavam membros falecidos num ritual de cremação. A resposta é positiva para ambas alternativas.

O anel de terreno nivelado que circunda o aterro pode ter fornecido algum material de construção, especialmente sedimento fino; o saibro avermelhado que cobriu o sepultamento 2 e foi usado parcialmente pelos outros dois sepultamentos, também podia ser conseguido escavando a borda, onde ele continua aflorando; mas o 'tacuru' é menos comum na proximidade e provavelmente seria trazido de mais longe. Mesmo assim o anel não deve ser reduzido a mero fornecedor de material; ele tem borda definida que poderia estar coroada por uma estacada de paus.



Figura 19. A implantação do aterro 3 do SC-CL-46, no meio da foto.



Figura 20. Estrutura de fogueira nos níveis superiores do aterro-plataforma do SC-CL-46. No canto oposto da quadrícula havia muita cerâmica.

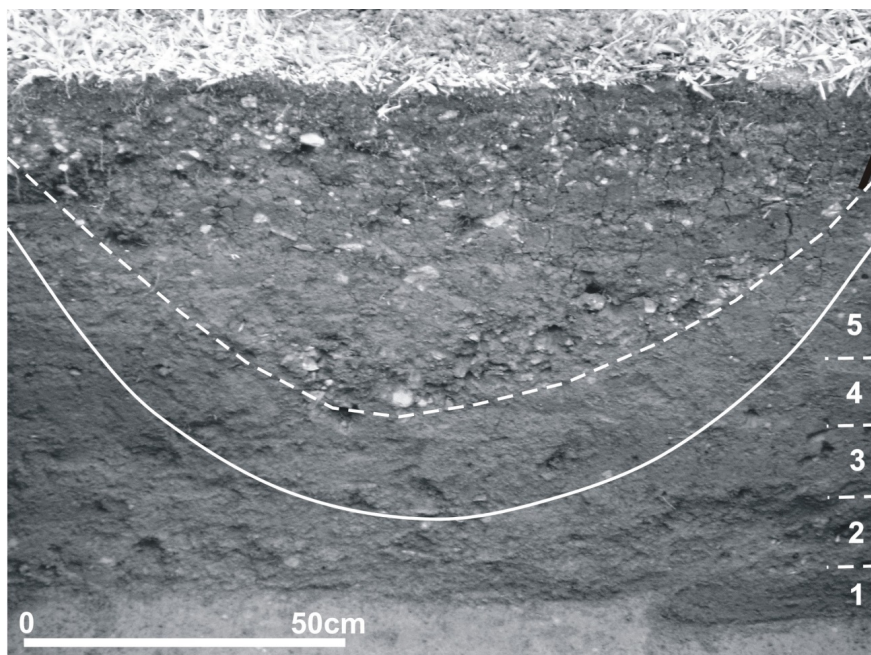


Figura 21. Perfil do corte, parede A-D, mostrando as camadas e a cova 2 de cremação.

6. ATIVIDADES NO ATERRO-PLATAFORMA SC-CL-52A:

Localização geográfica: 27°38'15.50" S – 50°36'37.10" O.

A propriedade do terreno é de Antônio Bizolotto, que mora em São José do Cerrito.

A estrutura localiza-se ao lado da antiga estrada de terra Lages-Curitiba, da qual dista uns 5 m; está a uns 40 m da bifurcação desta estrada, em cuja outra margem está a casa grande do sítio SC-CL-52. O aterro está na parte positiva de uma suave ondulação do terreno cuja parte negativa é ocupada por uma nascente, distante uns 50 m. Junto à bifurcação da estrada o proprietário tinha construído um galpão para as máquinas agrícolas e outras máquinas e tinha puxado para ele uma ligação de alta energia; o poste de cimento que sustentava os fios ainda se encontra entre o aterro e o desvio da estrada; ali também sobram algumas madeiras.

O proprietário também tinha construído uma casa na beira do banhado que começa uns 10 m da extremidade do aterro, tinha tornado mais fundo o banhado fechando a saída e consolidando e tinha furado um poço de 34 m de profundidade no lugar da nascente. Depois abandonou e destruiu a casa porque o banhado não retinha água o ano inteiro e a do poço era salobra.

Ao tempo de Maria José Reis (2007) o aterro-plataforma media 28 x 30 m de extensão e 2,20 m de altura, com uma parte mais baixa na extremidade que dá para casa grande; tinha topo aplanado, os bordos descendo num ângulo de aproximadamente 50° e estava coberto por densa capoeira baixa, que o destacava do entorno, coberto por vegetação herbácea.

A superfície sofreu impactos de importância, até considerável profundidade, com a plantação de eucaliptos, e as bordas com o acúmulo de detritos vários e parcial remoção por máquinas agrícolas na preparação de lavoura próxima. Hoje a visibilidade do aterro-plataforma é menor que na fotografia da década de 1970 porque o aterro-plataforma está coberto por vegetação de várias alturas, na qual se observam plantas típicas da região como butiá da serra, camboatá, mamica-de-cadela, vassoura, maracujá do mato e cipós; ela se confunde com a vegetação do entorno, que em parte é plantação de eucaliptos e pinus, em parte mata de beira de estrada (Figura 22).

Reis fez uma trincheira de 14 x 0,5 m que ia do centro da estrutura até a sua borda junto da estrada antiga, numa orientação aproximadamente Oeste-Leste.

Em 2007, numa primeira inspeção, a equipe de arqueologia percorreu a periferia oeste do aterro-plataforma, então plantada com milho, sem encontrar qualquer material arqueológico representativo.

Em 2010, por ocasião da primeira pesquisa da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas foi feita a topografia que representa a estrutura ainda com a forma e o tamanho anteriores (Schmitz *et al.*, 2013: 179, figuras 43 e 44). Nesse momento não houve nenhuma outra intervenção.

Em dezembro de 2013 foi aberto um corte de 1 x 1 na borda nordeste do aterro buscando a caracterização e a cronologia da estrutura e sua ligação com a grande casa do outro lado do caminho. Ali a borda se apresentava típica: uma

superfície plana seguida de uma parede bastante ereta e de uma superfície declinante por mais uns 5 m, terminando numa lavoura de milho.

A intervenção consistiu no seguinte: retirada da vegetação no espaço de 4 x 4 m, no qual se realizaria o corte, que atingiria pequena superfície plana do topo e o alto declive; remoção do sedimento em níveis de 10 cm, revisando-o manualmente. O corte atingiu a base argilosa sobre a qual tinha sido levantado a 2 m de profundidade.

Os sedimentos, da superfície até a base são areno-argilosos, de granulação fina uniforme, tonalidades de marrom, alternando estratos mais claros com mais escuros e compactação maior com menor. De cima para baixo se visualizam: um pacote superficial, de uns 80 cm de espessura, marrom médio, de sedimentos mais desagregados, sem carvão aparente, nem outro material cultural; seguem quatro camadas escuras, de aproximadamente 15 a 20 cm de espessura, consolidação reduzida, presença de algum carvão e isolados artefatos líticos pequenos, que alternam com camadas um pouco menos espessas, de coloração marrom claro, mais compactas, sem carvão, nem artefatos. Sobre a base, fortemente argilosa, compacta, marrom claro, a camada mais escura é um pouco mais espessa. Sobre esta, depois de uma fina camada mais clara, havia um estrato de uns 10 cm de potência, contendo numerosos fragmentos de saibro oxidado por forte aquecimento, indicativo de fogueira de cremação: o estrato continuava para os lados numa camada escura, na qual foi recolhido o carvão utilizado para datar o início do aterro-plataforma. Este carvão é predominantemente originário da queima de madeira dura e produziu a data de 960 ± 30 A.P., cal. com dois sigmas em 930 a 790 AP, AD 1020 a 1160 (Beta-370820).

Materiais recuperados: no nível 12: 1 lasca secundária média de basalto, 1 lasca pequena de calcedônia, 1 cristal de quartzo lascado, 1 cristal; no nível 17: 1 cristal de quartzo lascado, 1 fragmento-de-lascamento em basalto, sinais de atividade. Nenhuma cerâmica. Nenhum osso cremado.

Em janeiro de 2015 a equipe do IAP voltou para documentar o perfil da borda exposta por máquina agrícola e realizar um corte de 1 x 2 m na continuação do espaço aberto em 2013. Nesse momento o aterro-plataforma media 29 x 26 m e 2,20 m de altura, estava coberto por capoeira, com grandes tocos de eucaliptos, alguns em decomposição, outros com altos rebrotes e ao menos um pé muito alto de eucalipto remanescente. As bordas longitudinais estavam sendo impactadas: o espaço entre a estrada e a borda Nordeste da estrutura tinha sido lavrado e nele foram depositados os restos da colheita dos eucaliptos; o lado oposto, que dava numa grande lavoura de soja, teve parte da borda um pouco reduzida por máquina agrícola, deixando um barranco vertical de uns 15 m de extensão; a ponta mais baixa do aterro-plataforma, que dá para a casa grande (SC-CL-52), a Nordeste, desapareceu e ali foram jogados arbustos arrancados e descartadas peças de máquinas agrícolas (Figura 22).

O aterro-plataforma tinha sofrido impactos de alguma importância com a plantação de eucaliptos, a trincheira deixada aberta por Reis, a ação das máquinas agrícolas nas bordas e o entorno modificado por outras intervenções recentes, mas ele continuava sendo um monumento impressionante mesmo que

sua visibilidade agora seja menor que ao tempo de Reis porque a vegetação da superfície o iguala à do entorno.

Em janeiro de 2015 foram realizadas duas atividades: reabertura do corte anterior para avivar seu perfil e, a partir dele, abertura de um corte estratigráfico de 1 x 2 m, até 2,10 m de profundidade (Figura 23), com remoção dos sedimentos, em níveis de 10 cm. E limpeza, estudo da estratigrafia e coleta de amostras de um perfil de 7 m de extensão na borda Nordeste exposto pelas máquinas agrícolas; esta barranca dista aproximadamente 3 m da intervenção de 2013 e do novo corte.

O perfil da borda mostra uma alternância de camadas, avermelhadas e cinzentas, de 10 a 15 cm de espessura cada uma. A mais profunda é mais espessa, mais densa e mostra ao menos três estruturas compostas por pequenos blocos de hematita, seixos e blocos de basalto intensamente oxidados. Nesta camada o carvão é mais abundante, mas continua pouco. Camadas avermelhadas, com pequenos fragmentos de hematita, mas sem formar claras estruturas, continuam até o topo da parede; na parte superior são menos definidas e sem carvão, nas inferiores costuma aparecer carvão. No perfil, em diversas alturas, foram recolhidos: 3 fragmentos de basalto quebrados pelo calor, 1 seixo de basalto quebrado pelo calor, 1 seixo alongado, 1 pequeno núcleo multifacetado de calcedônia, 1 núcleo cúbico bipolar com retiradas numa extremidade, numa face e nos dois lados longitudinais; na superfície, em área perturbada foi recolhida uma lâmina picoteada de machado.

No campo não foi possível desenhar o alto e complexo perfil da borda, por insuficiente destaque das camadas, razão porque ele foi fotografado para interpretação em laboratório. Concluídos os trabalhos, a barranca foi recomposto para sua preservação.

No corte estratigráfico de 1 x 2 m os sedimentos foram removidos em níveis de 10 cm. Eles são areno-argilosos, mais argilosos e compactos, com pequenos fragmentos de hematita, nas camadas avermelhadas, mais soltos e humosos nas acinzentadas. As camadas apresentam tendência horizontal ao longo do topo e pequena inclinação do topo para a borda. Até aproximadamente 60 cm de profundidade a distinção entre as camadas mais avermelhadas e as mais cinzentas é perceptível, mas não é clara, consequência da presença de tocos de eucalipto, penetração de raízes e manejo de terra; raízes de eucalipto penetraram até perto da base do aterro; também aparecem velhas tocas de tatu. A partir dos 60 cm as camadas se alternam nitidamente: 5 avermelhadas, 5 cinzentas, até a base a 2,10 m de profundidade (Figura 24).

Tanto no corte como no perfil da barranca há pouca estruturação no interior das camadas: nas avermelhadas aparecem grânulos muito dispersos de carvão e nos níveis 12 e 13 os vestígios de pequena fogueira com alguns líticos e algum carvão.

O nível de 130-140 cm foi datado AMS em 890 ± 30 AP, cal. 2 sigmas 795 a 720 e 705 a 685 AP, AD 1155 a 1230 e 1245 a 1265 (Beta-411918).

O nível de 160-170 cm foi datado AMS em 920 ± 30 AP, cal. 2 sigmas 900 a 870 e 805 a 730 AP, AD 1050 a 1080 e 1145 a 1220 (Beta-411921).

O nível de 180-190 cm foi datado AMS em 960 ± 30 AP, cal. dois sigmas em 930 a 790 AP, AD 1020 a 1160 (Beta-370820).

O aterro-plataforma foi construído, como os outros três de Boa Parada, em etapas sucessivas, por várias gerações, alternando a cor das camadas sucessivas. Ele era utilizado para cremações. Embora não se tenham encontrado ossos ou cinzas de cremados, como no aterro-plataforma 3 do SC-CL-46, os outros indicadores são bem claros na primeira etapa de construção, onde se observam ao menos quatro pequenas estruturas (3 na barranca e 1 no primeiro corte) indicando cremações. Hematita resultante de intenso aquecimento de basalto, um dos indícios da cremação, é encontrada em todas as camadas avermelhadas, da base até o topo da estrutura. Elas estão sempre intercaladas com camadas escuras sem hematita. Estas camadas são basicamente horizontais, com pequena inclinação do centro para a periferia e com algumas dobras ou ondulações nas camadas horizontais, indicando acúmulos de terra e pequenas pedras.

Não se encontrou nenhuma cerâmica e muito pouco lítico: no nível 16 um seixo de basalto, no nível 19 pequenas lascas de basalto e um núcleo bipolar de quartzo, sinais de alguma atividade em cima do aterro original.

Também Reis nada encontrou na trincheira aberta, apenas a análise dos sedimentos indicava alternância de camadas com mais e menos fósforo, indicação de fogueiras.

O aterro-plataforma está relacionado à casa grande do sítio SC-CL-52, distante 40 m, mas não foi construído com o seu desaterro. A vizinhança e a coincidência das datas testemunham esta relação. As datas da fundação da casa são 860 ± 30 AP (351350) e 870 ± 30 AP (Beta-351742) (Schmitz *et al.*, 2013), as do aterro, indicadas acima, um pouco mais antigas, 890 ± 30 AP, 920 ± 30 AP e 960 ± 30 AP.

O aterro-plataforma SC-CL-52-a, como o aterro-plataforma do SC-CL-46, é um monumento sem funções habitacionais, econômicas ou técnicas, mas sociais e rituais, no qual se realizavam cremações de mortos.



Foto 22. Aterro-plataforma SC-CL-52-a com capoeira e eucaliptos residuais na superfície e pinheiros no entorno, junto a uma lavoura de soja.



Figura 23. Corte 2 feito na borda do aterro-plataforma SC-CL-52-a.

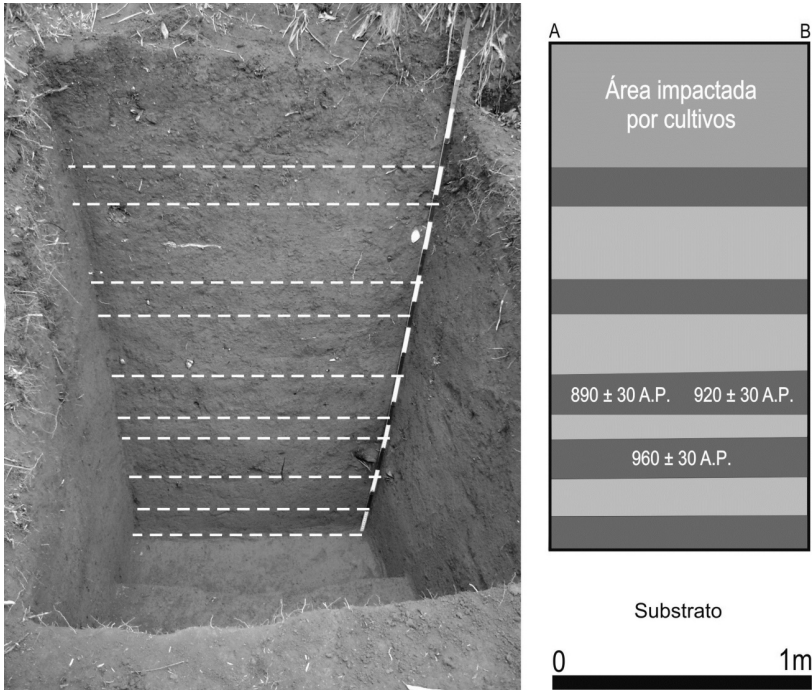


Figura 24. Perfil estratigráfico do corte 2 no aterro-plataforma SC-CL-52-a com as correspondentes datas.

7. OS OBJETOS LÍTICOS DA CASA 05

Ao contrário das outras estruturas, o corte realizado na casa 5, além de muita cerâmica, proporcionou abundante material lítico, que deu origem a uma primeira análise que a seguir apresentamos e ilustramos. Os objetos produzidos são grandes, sobre matéria prima local, resultantes de lascamento.

Como matéria prima são usados três tipos de basalto, cristais de quartzo e calcedônia.

Tipo 1. Basalto denso e pesado de coloração cinza clara, de fino córtex amarelo, que aparece em forma de seixo ou nódulo arredondado, às vezes de placa com arestas arredondadas.

Tipo 2. Basalto denso e pesado de coloração cinza escura, córtex vermelho (com camadas mais espessas), geralmente em forma de nódulos de decomposição.

Tipo 3. Basalto com pequena densidade, bastante meteorizado, com coloração amarelada, bem pouco frequente no sítio.

Tipo 4. Também utilizam cristais de quartzo, e calcedônia.

A matéria prima é buscada em locais onde o basalto da formação Serra Geral se decompõe naturalmente em seixos ou nódulos, com tamanhos que vão de um punho a um palmo e que apresentam superfícies aplanadas. Nele não há sinais de rolamento, típicas de seixos de córregos ou rios. As drusas e os cristais de rocha também são coletados da mesma forma, em superfícies de lixiviação. Algum material também pode ser conseguido na escavação das próprias casas.

A estrutura dos seixos e blocos não tem composição uniforme, apresentando pesos e densidades diferentes, além de intrusões e malformações que levam a fraturas irregulares. As superfícies de lascamento são rugosas, semelhantes às produzidas pelo aquecimento.

É matéria prima, em geral, de baixa qualidade, mas que eles aprenderam a usar. O material do interior da casa 05 foi trazido para lascar, produzir instrumentos e depois servir para armação dos fogos nos quais se preparavam os alimentos.

A produção de suportes é feita por percussão dura bipolar. O produto pode receber algum trabalho secundário e de redução, também com percutor duro, mas sem apoio.

A percussão bipolar não produz necessariamente características bipolares, isto é, dois pontos de impacto, ausência de bulbo de percussão e face interna retilínea. Quando a extremidade oposta ao ponto de percussão não está diretamente apoiada o resultado pode ser uma lasca côncava com ou sem bulbo saliente; esta é uma forma comum nas enxós mais características.

O retalhamento mais frequentemente se faz a partir do mesmo plano de percussão, ou de planos opostos, em sequência paralela, utilizando aresta(s) de desprendimento(s) anterior(es), deixando o produto sem córtex ou com uma faceta cortical. Menos frequentemente se usa como plano uma superfície longitudinal criada por retirada anterior. São raras as reduções secundárias nesses suportes.

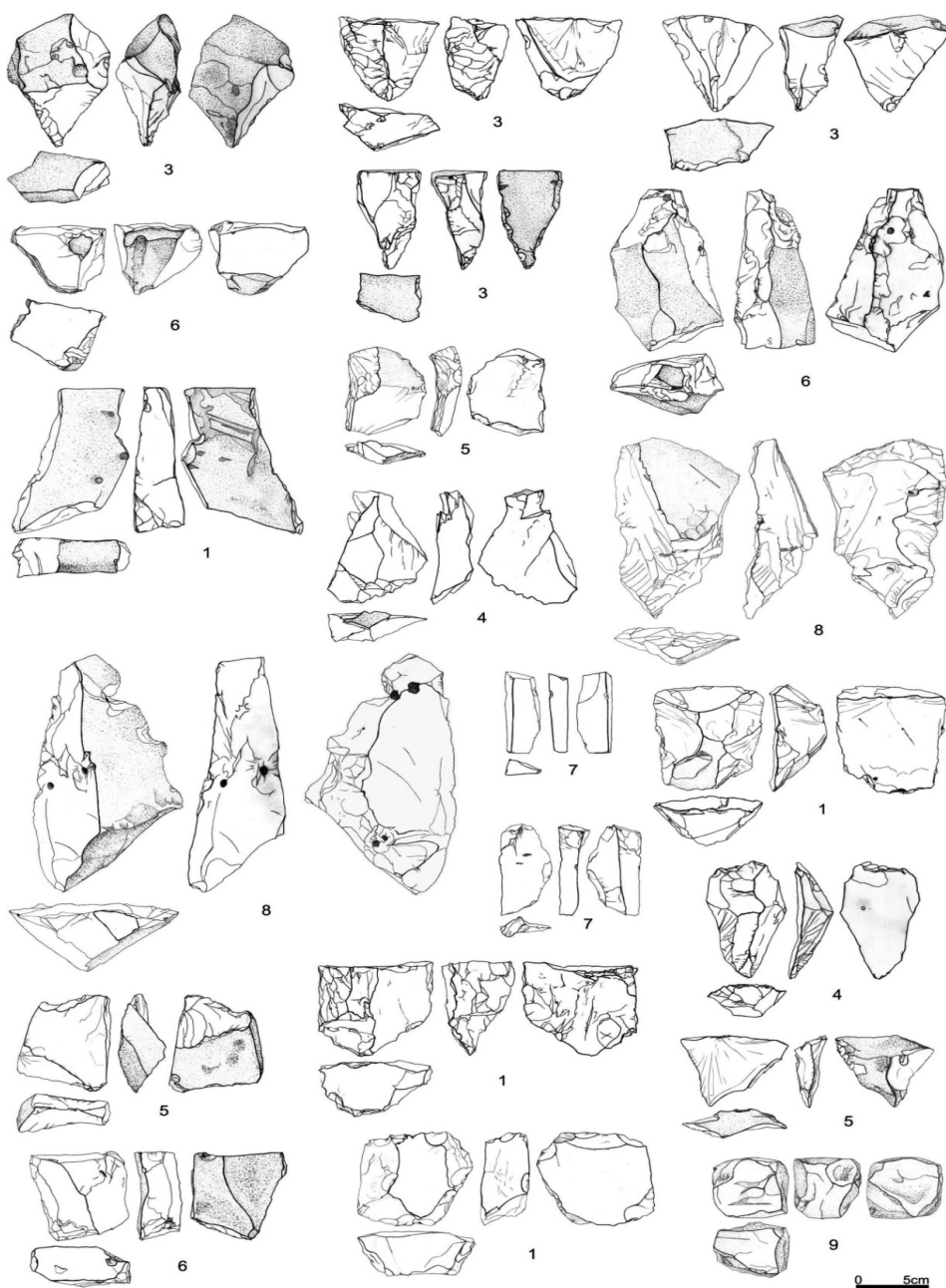


Figura 25. Os artefatos líticos da casa 5 do SC-CL-51. Os números correspondem às categorias descritas no texto.

Como percutores são escolhidos seixos ou nódulos basálticos de córtex vermelho de alta densidade. Eles são de diversos tamanhos, desde quase um palmo, até um punho pequeno. Os grandes seriam usados para o retalhamento e os pequenos para as poucas reduções destinadas ao acabamento de instrumentos.

Os núcleos maiores são, muitas vezes, prismático-cúbicos, os menores, piramidais-cônicos.

Devido à granulação grosseira da matéria prima, ao uso expedito dos artefatos e a sua limpeza a seco é difícil visualizar marcas de uso.

Os artefatos são predominantemente longitudinais com uma aresta dorsal; poucos são os transversais. O retalhamento é por apoio, tanto no basalto como nos cristais de quartzo, mesmo quando o produto são lascas côncavas com arestas dorsais atravessadas. A presença de calcedônia é insignificante.

Estas são as categorias dos produtos finais (Figura 25):

Categoria 1: Lascas grossas ou fragmentos grossos, com face interna encurvada; talão liso ou cortical; face externa com aresta dorsal central longitudinal, ou multifacetada piramidal, ou com algum córtex; bordos longitudinais trabalhados para se tornarem paralelos ou levemente côncavos para fins de apreensão; bordo transversal convexo, com redução dorsal quando o suporte é côncavo, às vezes também com alguma redução ventral.

O tamanho varia entre aproximadamente 8 e 15 cm.

Algumas peças são bem características, de acordo com o modelo, outras se aproximam do modelo, sempre dentro das possibilidades da matéria prima disponível.

Sugestão para uso: instrumento para cavar o chão à maneira de uma enxada, usado na mão, eventualmente encabado; não se prestaria para trabalhar madeira. Não é possível observar marcas de utilização.

Categoria 2: Com as mesmas características gerais e tamanhos, mas com o bordo transversal em ponta ou “bico”.

Categoria 3: Núcleos cônicos, de retalhamento bipolar, multifacetados, com talão liso ou cortical e a extremidade oposta em ponta, geralmente com pequenos trabalhos secundários para tornar a ponta mais destacada. Às vezes ainda se conservam facetas corticais e ou faces da lasca grossa inicial transformada em núcleo.

Tamanho variando de 8 a 10 cm.

Sugestão para uso: cavar o chão.

Categoria 4: Ferramenta com bordo serrilhado. Lasca secundária curva com bulbo pequeno, face externa facetada, forma geral em leque semiaberto a partir do talão, bordo transversal com serrilhado intencional reforçando um gume frágil e tornando-o retilíneo.

Tamanho um pouco mais de 10 cm.

Sugestão para uso: raspador terminal, enxada ou enxó.

Categoria 5: Lascas. São poucas, de descorticação ou secundárias, de formas variadas, às vezes com pequenos trabalhos secundários. Há duas peças que vale a pena destacar: uma, na casa 5, lasca secundária longa e curva, de

dorso facetado piramidal, com uma extremidade esmagada e a outra em ponta, bordos longitudinais cortantes. Outra da casa 06, nível 50-60 cm.

Categoria 6: Núcleos multifacetados, aparentemente sem utilidade posterior (esgotados), que sobraram do retalhamento.

Categoria 7: Lascas ou lâminas bipolares, com aresta dorsal assimétrica, um bordo longitudinal mais alto, o outro em gume, geralmente convexo, as duas extremidades em lados ou uma delas em bordo cortante, sem trabalho ulterior ao desprendimento.

Categoria 8: Lascas bipolares grandes, semicorticais desviadas (bumerangóides), metade da face externa cortical, a outra com duas facetas.

Categoria 9: Possíveis percutores. São seixos ou nódulos de considerável densidade, cujos tamanhos variam de aproximadamente um palmo até 5 cm de diâmetro; alguns têm marcas de percussão, mas geralmente estas são pouco visíveis e difíceis de distinguir de quebras e rachaduras produzidas pelo fogo.

Categoria 10: Estilhas e micro lascas. Elas são poucas porque o núcleo não é preparado para a produção dos suportes e existe pouco trabalho secundário nestes.

Os mesmos critérios foram usados na classificação do material de outras estruturas, nas quais podem aparecer eventuais objetos picoteados ou polidos. Nelas os objetos líticos resultantes de atividade humana costumam ser poucos, predominando os elementos naturais. Na documentação sobre o sítio existem tabelas com identificação de todos estes materiais.

8. A CERÂMICA

Como se mostrou na descrição dos sítios e das camadas, a cerâmica é especialmente abundante na casa 5 do SC-CL-51. Ela ainda é representativa na casa 4 do mesmo sítio e na casa 3 do SC-CL-50. Nas outras estruturas ela está menos presente. Grande parte dos fragmentos recolhidos na casa 5 do SC-CL-51 pôde ser reconstituída em vasilhas bastante íntegras porque as painéis tinham sido abandonadas nas estruturas de fogo em que estavam sendo usadas. A Figura 26 mostra algumas reconstituições parciais e os modelos das formas de cerca de 30 vasilhas representadas nos fragmentos recolhidos.

A cerâmica é atribuída à tradição Itararé, embora apresente aspectos próprios, especialmente na forma e no tamanho.

A técnica de construção não é a roletada, talvez a modelada. As vasilhas maiores têm as paredes apenas alisadas. Vasilhas infletidas de tamanho médio podem apresentar uma faixa de pinçados na parte superior do bojo e começo da inflexão. Vasilhas pequenas e médias podiam ser moldadas no interior de cestos, de trançado bastante fechado, que deixaram na parede externa do produto uma impressão que os arqueólogos ora chamam de 'estampado', ora de 'carimbado', ora de 'impressão de cestaria'. Para deixar este uso mais compreensível, nas Figuras 27 e 28 estampamos, junto aos fragmentos arqueológicos com impressão de cestaria, as imagens de alguns cestos, reproduzidos de Berta G. Ribeiro (1986). O cesto da Figura 27 é dos índios Paresí, os dois cestos da Figura 28 são dos índios Maku, ambos grupos amazônicos. As marcas deixadas

nos fragmentos indicam trançados diferentes e possibilitam algum conhecimento da cestaria do grupo local.

As formas de acabamento da superfície, além de representarem elementos de identificação grupal ou étnica, carregam também elementos tecnológicos ligados a maior aproveitamento do calor do fogo no cozimento da alimentação, como será comentado mais adiante.

O cesto usado na produção de vasilhas ajudaria a manter eretas as paredes, mas seria destruído por ocasião da queima. Esta destruição, mais o clima frio e úmido da região tornariam difícil e custoso o provimento da necessária cerâmica, tendo como consequência que as oleiras remendassem grandes vasilhas quebradas, para não as perder. Isto é bem visível na maior vasilha reconstituída da casa 5 (número 1 na Figura 26), que tem 24 cm de abertura de boca, 38 cm de altura e paredes de apenas 0,6 cm de espessura, inclusive na base; ela apresenta 4 pontos de emenda, cada um com 2 perfurações. Na mesma casa existem outras vasilhas grandes e com a mesma forma, que apresentam remendos semelhantes. Essas vasilhas já não serviriam para cozinhar, mas teriam outras utilidades.

Certa representatividade tem a incisão em 'espinha-de-peixe', escada e composições retilíneas semelhantes (Ver Figura 28, número 5).

O antiplástico usado na preparação da pasta é areia fina com eventuais inclusões de pequenos grãos arredondados de hematita e fragmentos angulosos de quartzo de veio ou de feldspato.

A pasta é bem amassada, muito compacta, sem indícios de roletes ou de sobreposição de placas, que seriam pistas para a técnica de produção.

A parede interna e a externa, quando alisadas, são muito bem acabadas; a externa eventualmente brunida ou pintada de vermelho. Em laboratório, o brunido não é muito visível porque o material não foi lavado, apenas limpo com uso de pincel.

A queima é oxidante incompleta, produzindo paredes com valores cromáticos dentro do padrão 5YR da escala de cores Munsell, desde os mais amarelados aos totalmente pretos.

A dureza é 3 na escala de Mohs.

A forma predominante é de vasilhas verticais, com inflexão levemente constricta junto da borda, a qual passa a ter uma inclinação entre 67° e 90°. São quase inexistentes vasilhas rasas caracterizadas como tigelas. A parede é fina, predominantemente entre 2 e 7 mm de espessura, mesmo em vasilhas bem grandes, incluindo as bases, que algumas vezes são mais espessas. O lábio é absolutamente plano, a base convexa, raramente plana, a abertura da boca entre 6 e 28 cm, resultando em vasilhas com capacidade de 1 a 10 litros. A proporção abertura da boca para altura da vasilha costuma ser de aproximadamente 2:3.

Dentro do mesmo padrão técnico descrito existem, ainda, fragmentos de paredes mais grossas, alcançando um máximo de 17 mm, de cor mais clara (5YR 6/8 Reddish Yellow) na escala de cores Munsell. Por falta de bordas não temos como reconstituir a forma e a capacidade dessas vasilhas.

As paredes muito finas, inclusive na base, e a posição mais verticalizada das grandes vasilhas fariam o calor da fogueira chegar melhor aos alimentos a

serem cozidos (Briggs, 2016). O acabamento plástico na transição do bojo para a inflexão e a rugosidade produzida pela impressão de cestos traria efeitos semelhantes.

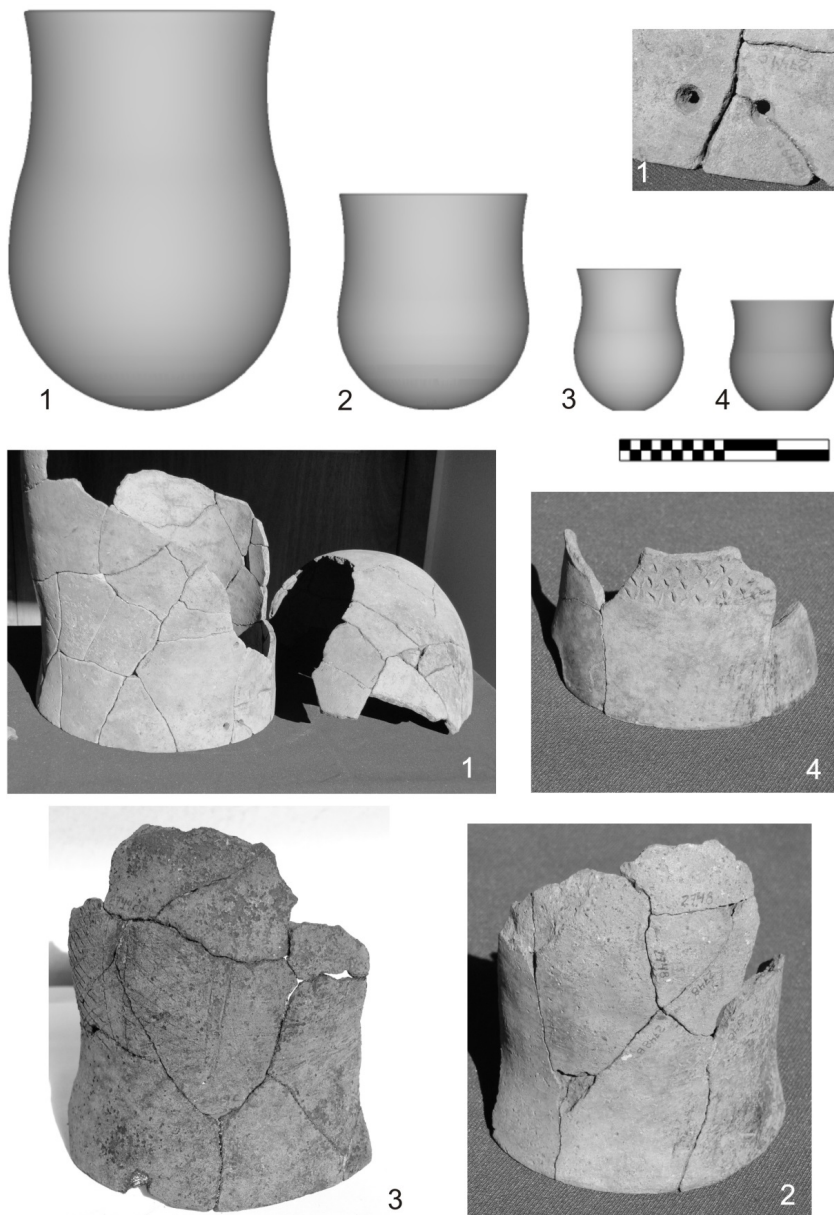


Figura 26. Formas de vasilhas cerâmicas da casa 5 do SC-CL-51 correspondentes às vasilhas parcialmente reconstruídas das fotos.

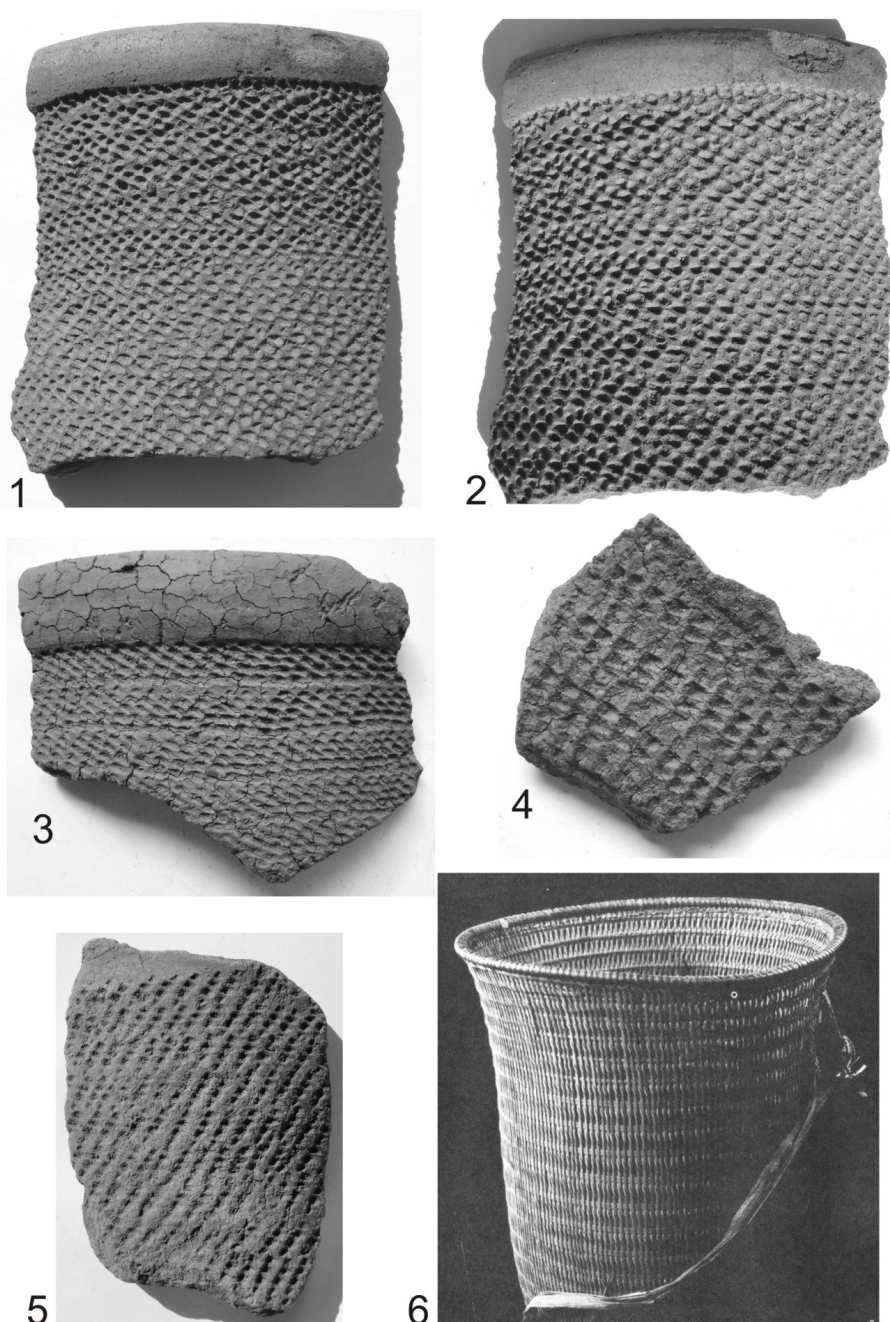


Figura 27. Cerâmica com impressão de cestaria: 1 da casa 5 SC-CL-51; 2 a mesma mostrando como era a superfície do cesto; 3, 4 e 5 da casa 3 do SC-CL-50; 6 mostra o trançado de um cesto cargueiro, segundo Berta G. Ribeiro, coord., 1986: 8.

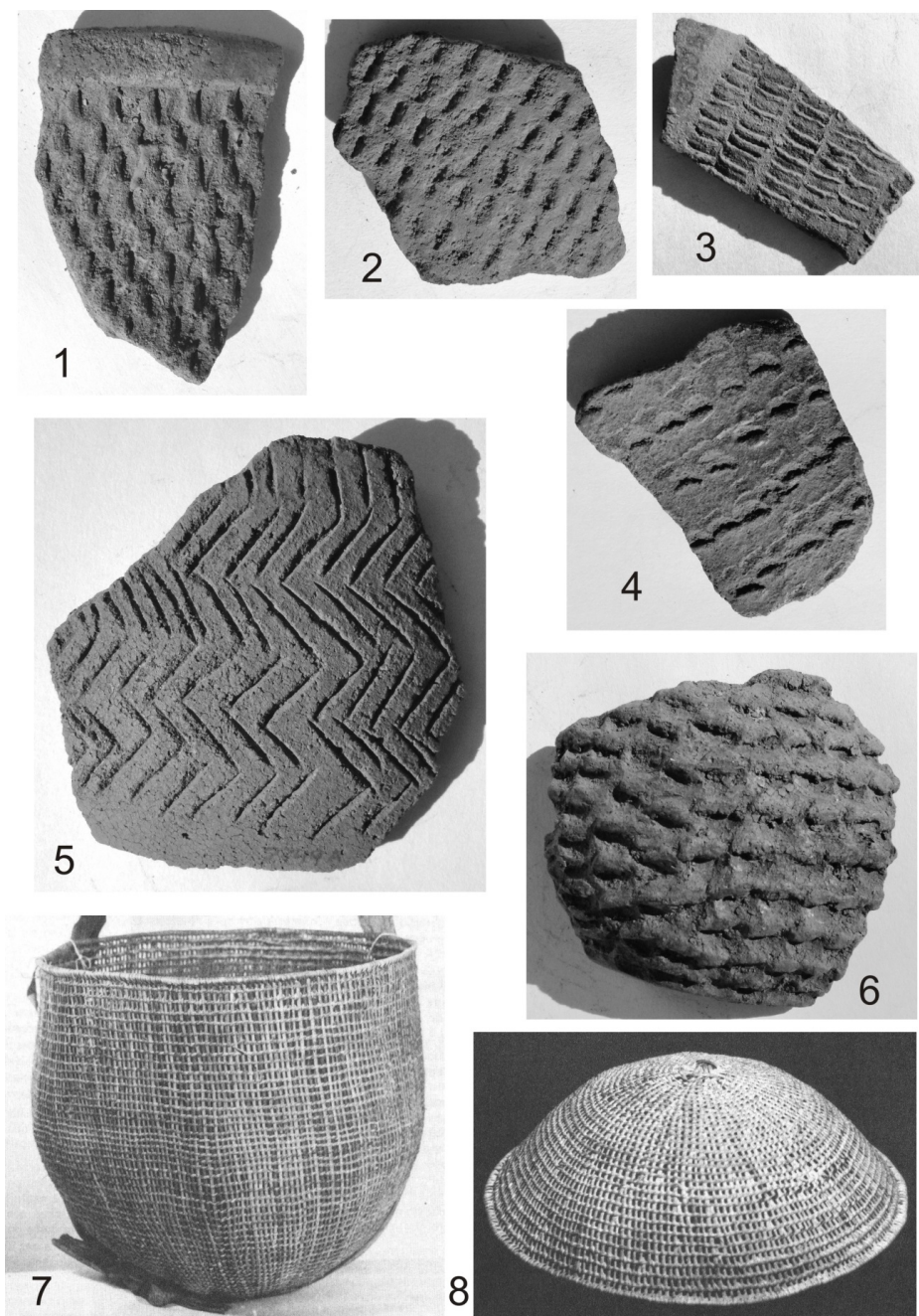


Figura 28. Fragmentos 1, 2, 3, 4 e 6 com impressão de cestaria; 5 inciso em espinha de peixe; 2 a 5 do SC-CL-51; 1 e 6 do SC-CL-52. Número 7 e 8, tipos de trançados em cestos, segundo Berta G. Ribeiro, 1986: 295 e 301.

Todas as vasilhas reconstituídas apresentam parede interna escurecida e ainda continham restos de alimentos. Análises feitas em vasilhas semelhantes de Urubici, que têm datas parecidas com as da Boa Parada indicaram o uso de diversas plantas domesticadas (Corteletti, 2012). Nossos materiais ainda não foram analisados.

O conjunto de vasilhas da casa 5 aproxima-se em abundância, tamanho e forma da casa subterrânea Urubici-11, escavada por Rohr (1971), que, em outro momento, Schmitz (1988: 90-92) atribuiu à tradição Casa de Pedra, estabelecida por Chmyz (1968), mas que agora considera uma variação dentro da tradição Itararé. Maiores tamanhos, em casas específicas, podem indicar tanto moradia de líderes polígamos, nossa proposta, como mudança na alimentação passando, p. ex., do predomínio do pinhão para o do milho, proposta por outros autores da área (Souza *et al.*, 2016).

Pensando no uso do cesto na fabricação de cerâmica vale a pena lembrar que os Xokleng recentes de Santa Catarina, que já não produziam cerâmica, impermeabilizavam cestos de trançados densos com uma camada de cera de abelha nativa, com uma espessura semelhante à da cerâmica, conforme exemplares existentes no Museu Padre João Alfredo Rohr, em Florianópolis.

9. DISCUSSÃO

A pesquisa continuada na Boa Parada durante cinco anos resultou numa amostragem considerável, que proporcionou boa quantidade de elementos e informações, que possibilitam considerações à maneira de hipóteses de trabalho a serem testadas.

9.1. As casas

As casas podem ser agrupadas por tamanho: até 5 m são 32 casas (56%); de 6 a 10 m, 17 casas (30%); de 11 a 15 m, 7 casas (12%); com 19,50 m, uma casa (1,7%). Ao menos 4 destas são geminadas, isto é, compostas por duas depressões unidas por um mesmo aterro e uma só cobertura. As pequenas aparecem na forma de uma cúpula invertida; as maiores em cilindro, com paredes mais verticalizadas e piso aplanado. As profundidades são proporcionais ao tamanho, as pequenas permitindo que os poucos moradores se movimentem em pé, as grandes que um número maior de pessoas não fique sem ar para respirar.

A cobertura de uma e outra é feita com troncos, ramos e palha: nas grandes em forma de chapéu chinês, apoiada em fortes esteios ao longo da parede e ancorados na plataforma que circunda a depressão; nas pequenas em cúpula, nas geminadas em berço ou casco de navio, coberturas também implantadas sobre a plataforma circundante. Ao menos nas casas grandes, de paredes altas e verticais, existe só uma entrada para a casa em forma de rampa; com o intenso uso, a parede vai esboroando fazendo crescer a rampa tornando-a menos íngreme. A rampa é bastante íngreme na casa grande do SC-CL-52 e mais suave na casa 3 do SC-CL-50.

A casa compõe-se de duas partes: a depressão e o aterro que a circunda nivelando sua borda. Como as casas são construídas preferentemente na alta ou média vertente de ondulações do terreno aproveitam a terra escavada para levantar e nivelar a borda no lado descendente do terreno. Com acentuada declividade se produzem, então, aterros mais estreitos e altos; com pequena declividade, aterros mais largos e rasos. Toda a terra removida costuma ser gasta nesse aterro. Ao menos em casas com 10 ou mais metros de diâmetro e largos aterros circundantes, com bordas externas íngremes, haveria, sobre esta borda, uma cerca de troncos reduzindo o acesso a uma só entrada. Com isso estaria fechado e defendido o espaço da moradia contra animais e contra humanos estranhos. Na casa do SC-CL-52 existe sobre o largo aterro nivelador um caminho levemente rebaixado que dá em cima da rampa que leva ao piso da casa. Este único acesso ao interior da habitação consolida a hipótese de uma cerca fechando o espaço habitacional.

A parte rebaixada seria o lugar de descanso noturno, de refúgio por ocasião de condições ambientais adversas, de guarda de bens e de muitas atividades cotidianas. O espaço externo resguardaria as brincadeiras das crianças e para muitas atividades do dia-a-dia seria mais agradável que o espaço rebaixado.

A construção das casas com suas escavações, aterros e coberturas exigia conhecimentos do ambiente; a casa deveria ser escavada em solo firme, compacto, até rochoso, estar perto de água superficial para atender um variado leque de usos humanos, mas suficientemente afastada da água subterrânea para não ficar inundada. Água superficial era fornecida por banhados de altura próximos. A inclinação do terreno e sua posição na média ou alta vertente eram garantia contra a penetração de água subterrânea e também contra a superficial das enxurradas resultantes das fortes chuvas da região. Uma casa do SC-CL-50 está permanentemente alagada, uma outra temporariamente; elas se encontram em nível um pouco inferior ao de casas regularmente secas. Na grande casa do SC-CL-52, quando a escavação chegou ao piso, foi necessário enfrentar um palmo de água permanentemente reabastecida pelo lençol freático. Esta invasão teria sido a causa do abandono da casa pelos moradores após um período de ocupação sem problemas. Após o abandono da casa o lençol freático subiu ao menos mais 30 cm, deixando uma densa camada de lodo sobre a primeira ocupação. O caso mostra que a inundação da casa pode não resultar de um erro na escolha do lugar, mas de uma oscilação do lençol freático através do tempo.

A construção das grandes casas, com telhados entre 20 e 30 m de diâmetro, exigia ainda outros conhecimentos técnicos. A remoção da terra e a construção do aterro nivelador, com meios extremamente simples, requeria mão-de-obra e liderança adequadas: numa casa pequena bastaria um pequeno grupo familiar; nas grandes, certamente, toda a população ou tribo.

O material do interior das casas testemunha que elas eram habitações: estruturas de fogo com os fragmentos de panelas e os objetos líticos no local da utilização (o caso mais característico é o da casa 5 do SC-CL-51); mais raramente se encontram níveis de material pisoteado, denunciando ocupação mais prolongada. Esta ocupação se apresenta continuada, mas não

necessariamente constante, podendo repetir-se em intervalos irregulares. Uma nova ocupação não reconstituía necessariamente toda a estrutura inicial com sua cobertura, seu aterro e sua estacada de paus, nem limpava a casa para mais um acampamento passageiro.

Segundo listagem de datas do quadro no fim desse item, as casas grandes são as mais antigas na Boa Parada e em São José do Cerrito. Cada uma delas abrigaria uma família extensa, significando todo o grupo, ou tribo, somando dezenas de indivíduos entre homens, mulheres e crianças; sozinha ela formaria todo o assentamento.

As casas geminadas e as pequenas representam um novo período de ocupação. As casas geminadas abrigariam duas famílias, ou uma família com duas mulheres, e as casas pequenas, uma família nuclear. Elas, agora, costumam vir agrupadas para formar o assentamento. As 4 casas que formam o sítio SC-CL-51 podem servir de modelo de como seria o assentamento nessa época, com uma liderança e os respectivos seguidores. Outros sítios, como o SC-CL-43 e o SC-CL-45 podem ser outros núcleos provavelmente não coetâneos.

A diferença na forma e tamanho das casas e na organização do assentamento reflete uma mudança na sociedade, que repercute na ocupação social das moradias e na estruturação do assentamento.

Com a perda do território e o aumento de mobilidade, em consequência da instalação paulista na área, o assentamento e a organização do grupo seria outra vez diferente. Na bibliografia do Xokleng não encontramos informações para o período de transição, apenas para um estabelecimento posterior (Henry, 1964; Santos, 1973; Lavina, 1994).

9.2. Os aterros-plataforma:

Os aterros-plataforma são monumentos de terra de considerável tamanho, com bordas verticalizadas e topo aplanado, levantados no alto de ondulações do terreno, na proximidade de casas subterrâneas, em superfície naturalmente plana ou intencionalmente aplanada. O material de construção não é o rejeito da construção das casas, nem é escavado no seu entorno imediato formando um anel rebaixado, mas foi trazido e acumulado intencionalmente em camadas que alternam composição e cor de sedimentos, uns mais argilosos, compactos, escuros com sedimentos saibrosos, soltos, avermelhados.

A camada de fundação do aterro-plataforma testemunha episódio(s) de cremação sob a forma de cinzas, de carvão, de seixos ou fragmentos rochosos acumulados, intensamente oxidados por ação de calor; a recuperação nela de fragmentos de ossos cremados é fortuita. A camada fundadora vem coberta por uma camada de saibro avermelhado de granulação controlada. As camadas seguintes podem continuar a alternância de sedimentos ou se constituir de um acúmulo uniforme, areno-argiloso solto, de cor escura. Covas para novas cremações ou para depósito de cinzas de indivíduos cremados podem cortar estas camadas. Cada aterro-plataforma tem sua própria configuração porque representa uma história particular.

Os aterros-plataforma podem conter alguma cerâmica e algum lítico, além de pequenas e limitadas estruturas de fogo, que indicam rápidas voltas ao lugar. As datas de C^{14} testemunham que cada uma dessas estruturas foi construída, usada e mantida por gerações.

Aterros-plataforma, embora não com esta denominação, foram mencionados em outros lugares dos Campos de Lages, em Santa Catarina (Reis, 2007) e na bacia do rio Piquiri, no Paraná (Chmyz & Sauner, 1971), mas sua identidade está apenas começando a ser estudada.

Igor Chmyz e Zulmara Clara Sauner escavaram no vale do rio Piquiri, no Paraná, o aterro-plataforma PR-UB-4, muito parecido com o aterro 3 do SC-CL-46: ele tinha forma de cone truncado, 13 m de diâmetro e 2 m de altura e estava circundado por uma valeta de 0,80 m de largura e 0,40 m de profundidade e com uma borda de 0,30 m de altura. Na base havia densa camada de cinza coberta por hematita (os autores sugerem resíduos de mineração de ferro) e covas de cremação posteriores. Depois de descrever minuciosamente as camadas, as estruturas e os artefatos, concluem que se trata de um aterro no qual se cremavam mortos. Para as camadas mais profundas eles conseguiram três datas: 735 ± 95 A.P. (AD 1215) (SI-2194) para o nível de 200-220 cm, 855 ± 95 A.P. (AD 1095) (SI-2193) para 145-146 cm e 470 ± 95 A.P. (AD 1480) (SI-2192) para 145-155 cm de profundidade. Em tempos históricos o espaço continuava ocupado por populações Xokleng.

Apesar da distância com relação aos sítios da Boa Parada e Santo Antônio dos Pinhós é impressionante a coincidência nas datas, na sucessão e característica das camadas, nas cremações individuais, com pormenores como as camadas de saibro (escória de óxido de ferro 'itacuru'), a utilização, na base do aterro, de 'itacuru' de textura solta, com a observação de que ela se transformou em hematita na parte mais exposta ao fogo e manteve uma coloração roxa onde o calor se mostrou menos intenso.

Segundo os autores, na área existem outros aterros semelhantes ao estudado, que estariam associados, por unidades, a algumas das casas ou sítios. Além dos grandes existem ainda numerosos pequenos aterros alongados, distribuídos entre as casas e ao redor das mesmas. A cerâmica descrita (fase Cantu, Chmyz, 1976, 1977, 1978, 1979) é indistinguível da cerâmica da Boa Parada.

Além de pequenas divergências de interpretação, existe alguma diferença na forma do aterro: os aterros-plataforma estudados na Boa Parada (e também em Santo Antônio dos Pinhós, ver seguinte artigo) são construídos sobre terreno naturalmente plano, apenas um deles com anel intencionalmente aplanado medindo 10 m de largura.

9.3. Outros aterros:

O aterro-plataforma se distingue das estruturas anelares pelo tamanho do aterro (entre 12 e 30 m), ausência de anel rebaixado e de taipa circundante. Na Boa Parada só existe um 'dancheiro', originalmente com 4 estruturas anelares, em três das quais houve intervenções.

O aterro-plataforma se distingue, também, pela forma e tamanho, dos pequenos montículos alongados e com vala no lado ascendente do terreno, considerados sepulturas individuais (ver Rogge e Schmitz, 2009); na Boa Parada são conhecidos só dois, no SC-CL-45.

E se distingue de montículos resultantes da sobra de terra da construção de casas; destes existe um no SC-CL-94.

9.4. A relação das casas com os aterros:

Uma questão anteriormente levantada por Saldanha (2005, 2009) refere-se à relação concreta entre os monumentos de terra e os respectivos assentamentos, ou casas.

Na Boa Parada buscou-se esta relação entre casas e conjuntos de casas com seus respectivos aterros-plataforma ou estruturas anelares usando proximidade entre as estruturas e sua cronologia. Na primeira tentativa os resultados eram promissores:

O grande aterro-plataforma SC-CL-52a dista apenas 40 m da grande casa SC-CL-52; ele está no topo e a casa na alta vertente da ondulação; as datas, do começo do século XI, praticamente coincidem; a estrutura foi usada durante gerações.

O aterro-plataforma 3 do SC-CL-46 dista uns 400 m do SC-CL-50; ele está no alto de pequena ondulação, as casas estão sobre o topo e a alta vertente de outra ondulação; as datas da fundação, iguais, são do início do século XI. O aterro foi usado por gerações.

As estruturas anelares do 'danceiro' SC-CL-94 distam da grande casa do SC-CL-56 aproximadamente 250 m; elas estão no topo de pequena ondulação, a casa na vertente de outra; a data do 'danceiro' é do fim do século XII, a da casa do começo do mesmo século.

Os aterros-plataforma 1 e 2 do SC-CL-46 estão juntos no topo de uma elevação; as numerosas casas do SC-CL-45, na média vertente, distando aproximadamente 150 m; as datas dos dois aterros são do século XV; as das casas estudadas, do século XVI.

A lista das datas do quadro abaixo permite o aperfeiçoamento dessas considerações. Nela se percebe que existem etapas na ocupação da Boa Parada: a primeira, no século XI, com 5 casas grandes e 2 aterros-plataforma, na parte mais alta do relevo, no lado esquerdo da rodovia BR-282; a segunda etapa, no século XII, com uma casa grande e 4 estruturas anelares em relevo mais baixo, no lado direito da rodovia; a terceira etapa, do século XIV ao XVII, com várias casas geminadas, numerosas casas pequenas e dois aterros-plataforma, ocupando um e outro lado da rodovia.

As diferenças observadas nas etapas podem estar ligadas a diferentes grupos movimentando-se na Boa Parada: Um primeiro grupo, que produz aterros-plataforma, no século XI. No século XII o espaço é ocupado por outro grupo, com estruturas anelares. No século XIII parece haver certo esvaziamento na ocupação da Boa Parada; é o tempo da segunda ocupação de Santo Antônio dos Pinhos, 19 km a oeste. Novamente aterros-plataforma nos séculos XIV a XVII.

O objetivo geral do estudo era compreender o povoamento indígena da área da Boa Parada, suas instalações e cronologia, complementando e testando informações de pesquisas anteriores da equipe, ligadas ao povoamento Jê Meridional no planalto de Santa Catarina.

Muitos arqueólogos já se ocuparam e ainda ocupam com o povoamento do grupo no planalto de Santa Catarina e áreas vizinhas, em que se registraram monumentos de terra junto a casas subterrâneas (Menghin, 1957; Rohr, 1971; Mentz Ribeiro e Ribeiro, 1985; De Masi, 2006; Müller, 2011; Corteletti, 2012 entre outros). Boa Parada é mais um lugar com este tipo de estruturas; aqui elas são variadas, densamente agrupadas, permitindo múltiplas abordagens. O texto não tem a intenção de discutir todas as questões que a pesquisa já levantou, nem discutir as abordagens de outros autores, que trabalham com a mesma problemática como: povoamento, evolução do ambiente, formação de paisagem e questões de ecologia (Bitencourt & Krauspenhar, 2006; Iriarte & Behling, 2007; Copé, 2007, 2015; Corteletti, 2015, entre outros); uso, ritual funerário e formação de paisagem, estruturação da sociedade e do território nos monumentos de terra (Saldanha, 2005; Müller, 2008; De Masi, 2009; Souza e Copé, 2010; Gambim, 2010; Müller e Mendonça de Souza, 2011; Souza, 2012a, 2012b; Souza *et al.* (2016).

Algumas questões abordadas ou mencionadas no artigo já estão sendo estudadas e aparecem como trabalhos de conclusão de curso, como ecologia (Schwambach, 2016), dissertação de mestrado, como complexidade do assentamento (Mergen, 2016), e estão sendo elaboradas como teses de doutorado, artigos de revistas e capítulos de livros. O texto não podia englobar todos estes enfoques.

9.5. Os artefatos:

Os artefatos líticos são grandes, verticais, produzidos com poucos golpes duros, geralmente com apoio, sem retoque posterior, usando matéria prima local de reduzida qualidade. Eles parecem não ter um padrão definido, mas olhados de perto, como fizemos no item 7, eles revelam sua técnica de produção e sua morfologia básica. Muitos podem ser assemelhados a talhadores e raspadores grosseiros, que seriam úteis para desbastar a mata e cavar o solo, mas se prestariam mal para manejo de madeira ou de peles. Bifaces verdadeiros estão ausentes. A produção dos artefatos resultou em muito poucos resíduos pequenos como lascas de desbastamento, de redução e de retoque. Objetos picoteados, alisados e polidos, como mãos-de-pilão e lâminas de machado, são absoluta exceção na área. Como o material era lascado dentro da habitação ele foi usado para construir as próprias estruturas de fogo, que aqueciam e eram usadas para cozinhar o alimento.

A cerâmica local, com alguma abundância, ao contrário do lítico, era cuidadosamente produzida e conservada. Dentro da grande tradição Itararé ela se destaca por maior tamanho do vasilhame. Ela era usada para cozinhar alimentos pastosos e sólidos, que deixaram no seu interior não só uma película escura, mas também significativos macro-restos de alimentos. No tamanho a cerâmica local se aproxima daquela escavada por Rohr (1971) na grande casa

subterrânea de Urubici-11. O tamanho do vasilhame indica que ele servia a uma comunidade maior que uma unidade familiar simples, o que combina bem com sua presença na casa 5, considerada casa de um líder polígamo. As casas geminadas e menores que a cercam não teriam necessidade de recipientes deste tamanho. Elementos cerâmicos descritos neste trabalho, como remendar vasilhas danificadas ou quebradas, também foram registrados em outros sítios do planalto catarinense, mostrando tratar-se de mais um elemento partilhado (Müller, 2011).

Idades das estruturas estudadas no Planalto de Santa Catarina	
1	✓ 690 a. C. (1 data), Boa Parada, várias estruturas de fogo debaixo da casa geminada 4/5 do SC-CL-43, sem cerâmica (Schmitz et al., 2010).
2	✓ 550 a 870 d.C. (8 datas), Rincão dos Albinos, no sítio SC-CL-70 com 39 casas representando acampamentos sem cerâmica. (Schmitz et al. 2013a). ✓ 590 a 690 d.C. (8 datas) e 1120 d.C. (1 data), Rincão dos Albinos, no sítio SC-CL-71 com 68 casas representando acampamentos sem cerâmica; a cerâmica aparece no século XII. (Schmitz et al. 2013a). ✓ 560 a 770 d.C. (3 datas) e 1300 d.C. (1 data), Taió, no sítio SC-TA-04, com 12 casas e 1 montículo funerário, representando acampamentos sem cerâmica. (Schmitz et al. 2009).
3	✓ 990 d.C. no sítio SC-CL-52-a, Boa Parada, grande aterro-plataforma, sem cerâmica. ✓ 1030 d.C. no sítio SC-CL-52-a, Boa Parada, grande aterro-plataforma, sem cerâmica, nova ocupação. ✓ <u>1030 d.C. no sítio SC-CL-64, Santo Antônio dos Pinhos, aterro-plataforma 1, sem cerâmica.</u> ✓ 1040 d.C. no sítio SC-CL-50, Boa Parada, 3 casas grandes, casa 3, com pouca cerâmica na primeira ocupação, bastante cerâmica em ocupação posterior. ✓ 1040 d.C. no sítio SC-CL-46, Boa Parada, aterro-plataforma 3, cerâmica. ✓ 1060 d.C. no sítio SC-CL-52-a, Boa Parada, grande aterro-plataforma, sem cerâmica, nova ocupação. ✓ 1080 d.C. no sítio SC-CL-52, Boa Parada, casa muito grande, pouca cerâmica. ✓ 1090 d.C. no sítio SC-CL-52, Boa Parada, casa muito grande, pouca cerâmica.
4	✓ 1120 d.C. no sítio SC-CL-56, Boa Parada, casa 1 grande, sem cerâmica. ✓ 1180 d.C. no sítio SC-CL-94, Boa Parada, montículo 1 do 'danceiro', cerâmica.
5	✓ 1260 d.C. no sítio SC-CL-46, Boa Parada, Aterro-plataforma 3, com cerâmica, nova ocupação. ✓ <u>1280 d.C. no sítio SC-CL-63, Santo Antônio dos Pinhos, casa 2, com cerâmica</u>
6	✓ 1310 d.C. no sítio SC-CL-43, Boa Parada, <u>casa geminada 4/5</u>, cerâmica. ✓ 1340 d.C. no sítio SC-CL-46, Boa Parada, aterro-plataforma 2, cerâmica. ✓ 1360 d.C. no sítio SC-CL-43-a, Boa Parada, casa 3 pequena, 1 fragmento cerâmico. ✓ 1370 d.C. no sítio SC-CL-46, Boa Parada, aterro-plataforma 1, cerâmica. ✓ 1440 d.C. no sítio SC-CL-46, Boa Parada, aterro-plataforma 1, cerâmica, nova ocupação. ✓ 1480 d.C. no sítio SC-CL-43, Boa Parada, <u>casa geminada 4/5</u>, cerâmica. ✓ 1500 d.C. no sítio SC-CL-45, Boa Parada, <u>casa geminada 1</u>, pouca cerâmica. ✓ 1500 d.C. no sítio SC-CL-45, Boa Parada, casa 7 pequena, pouca cerâmica. ✓ 1580 d.C. no sítio SC-CL-43, Boa Parada, casa 7 pequena, 1 fragmento de cerâmica. ✓ 1620 d.C. no sítio SC-CL-51, Boa Parada, casa 5, muita cerâmica. ✓ 1630 d.C. no sítio SC-CL-51, Boa Parada, <u>casa geminada 4</u>, muita cerâmica.

10. AVALIAÇÃO FINAL

Pensando no sistema de povoamento da área estudada, propomos que as casas subterrâneas agrupadas em assentamentos, ou formando um assentamento com só uma casa grande e seus respectivos monumentos de terra, funcionariam como referência, 'endereço', de famílias e de grupos; nelas se desempenhariam atividades mais permanentes e delas partiriam excursões de abastecimento, incluindo alternância de moradia, dentro de um território considerado seu.

Avaliando, finalmente, a amostragem da equipe do IAP no município de São José do Cerrito, executada de 2008 a 2016, pode-se concluir que ela foi bastante representativa do povoamento do planalto e resultou em algumas propostas. O quadro acima sintetiza o resultado.

Na Boa Parada, junto à sede do município, foi localizado um primeiro assentamento a céu aberto, composto por várias estruturas de fogo, sem cerâmica e datado de 690 a. C. Parte importante dele está debaixo da casa geminada 4/5 do SC-CL-43, que ajudou a preservá-lo. Ele pode ser tomado como amostra de um primeiro momento em que a ocupação ainda seria rala, sem cerâmica, baseada na exploração de recursos dispersos no campo em nichos de vegetação mais densa ainda com poucos pinheiros.

No Rincão dos Albinos, distante 15 km da sede do município e também da Boa Parada, foi estudado um sítio composto por 107 casas subterrâneas, das quais 39 (SC-CL-70) estão aglomeradas num lado de uma nascente, e 68 (SC-CL-71) concentradas no outro lado da mesma nascente. A maior parte das 16 datas de C¹⁴ de casas e do entorno delas corresponde aos séculos VI e VII e ainda carece de cerâmica. O assentamento é composto por sucessivos acampamentos temporários, cujas choupanas já têm o piso rebaixado, mas ainda estão sem estruturas anelares, aterros-plataforma e montículos funerários, que atestariam certa estabilidade. A equipe tinha estudado anteriormente um assentamento menor com as mesmas características e datas em Taió, no vale do Itajaí. Neste período a semente da araucária começava a estar disponível em bosques pioneiros que atraíam os grupos na estação da colheita e pela repetição dos acampamentos se formaram grandes sítios como o do Rincão dos Albinos.

Na Boa Parada foi estudado um núcleo denso de casas subterrâneas, com 4 aterros-plataforma, 1 'danceiro' com 4 estruturas anelares, além de dois montículos funerários, cujas 21 datas de C¹⁴ cobrem do século XI ao XVII. O padrão do assentamento é residencial com grandes casas acompanhadas de volumosos monumentos de terra com a cerâmica desempenhando papel importante. Seu início coincide com a primeira grande expansão da araucária e continua, se intensifica e expande acompanhando novas expansões da mesma. A riqueza natural dessas florestas e seu manejo proporcionaram segurança alimentar, que possibilitou a estabilização, o enriquecimento e a repetição desse modo de vida. A percepção proporcionada pela pesquisa de todos esses anos ainda é de um padrão de assentamento que se repete a nível de assentamento sem ainda nos oferecer dados empíricos para falar do surgimento de chefes que coordenem todo o assentamento e o defendam de eventuais invasores.

Para completar o sistema de assentamento na Boa Parada falta conhecer como os assentamentos deste núcleo se comportam com relação à periferia menos povoada de seu território, na qual poderiam estar acampamentos de aprovisionamento e assentamentos alternativos.

Em busca dessa periferia foi escolhido um nicho ambiental formado pelo arroio Goiabeiras, em Santo Antônio dos Pinhos, distante 19 km da Boa Parada, onde existem dois sítios. Na margem direita do arroio está o SC-CL-64, composto por uma casa grande, três aterros-plataforma e um pequeno montículo funerário; as estruturas não têm cerâmica e são datadas de 1030 d.C., como os assentamentos mais antigos da Boa Parada. Na margem esquerda do arroio está o sítio SC-CL-63, composto por dois conjuntos, um deles com 2 casas grandes, 2 pequenas, um aterro resultado do rejeito de uma casa, mais 2 pequenos montículos funerários, sítio datado de 1280 d.C.; ele coincide com uma rarefação do povoamento na Boa Parada e pode corresponder a um deslocamento temporário daquele povoamento para este novo lugar (Ver o artigo seguinte que trata dessa pesquisa). Outros testes semelhantes estão previstos para os próximos anos.

O projeto de São José do Cerrito, em seus 8 anos de duração criou muitos dados e informações e algumas hipóteses a respeito do assentamento, da sociedade, da história de um grupo indígena considerado Jê Meridional, presente na área em tempo histórico sob a denominação geral de Xokleng.

A amostragem não foi estatística, mas reflexiva, baseada no excelente trabalho pioneiro de Maria José Reis na década de 1970. Provavelmente, até hoje, esta corajosa mulher ainda não se deu conta do valor de sua contribuição para a história do Jê Meridional no planalto de Santa Catarina.

AGRADECIMENTOS:

A equipe agradece à FAPERGS o auxílio processo 12/2301-0 de 2012; à UNISINOS, sede dos pesquisadores e alunos; à paróquia São Pedro, de São José do Cerrito, a hospedagem; à família de Gilnei e Luciane Marian, nosso elo de comunicação com a comunidade; especialmente aos proprietários dos terrenos em que se encontram os sítios, que sempre acolheram bem os pesquisadores.

REFERÊNCIAS:

- BRIGGS, Rachel V. 2016. The civil cooking pot: hominy and the Mississippian standard jar in the Black Warrior Valley, Alabama. *American Antiquity* 81(2): 316-332.
- CHMYZ, Igor. 1968. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia* 18: 115-125.
- CHMYZ, Igor et al. 1976. Primeiro relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1975-1976). Curitiba: Convênio Itaipu-IPHAN.
- CHMYZ, Igor et al. 1977. Segundo relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1976-1977). Curitiba: Convênio Itaipu-IPHAN.
- CHMYZ, Igor et al. 1978. Terceiro relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1977-1978). Curitiba: Convênio Itaipu-IPHAN.

CHMYZ, Igor et al. 1979. Quarto relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu (1978-1979). Curitiba: Convênio Itaipu-IPHAN.

CHMYZ, I. & SAUNER, Z. C. 1971. Nota sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. *Dédalo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 13: 7-36.

COPÉ, S.M. 2015. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Estudos Avançados* 29: 149-171.

CORTELETTI, R. 2012. *Projeto Arqueológico Alto Canoas-Paraca*: um estudo da presença Jê no planalto catarinense. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. (Tese de doutorado)

CORTELETTI, R.; DICKAU, R.; De BLASIS, P.; IRIARTE, J. 2015. Revisiting the economy and mobility of Southern proto-Jê (Taquara-Itararé) groups in the southern Brazilian highlands: starch grain and phytoliths analyses from the Bonin site, Urubici, Brasil. *Journal of Archaeological Science* 58: 46-61.

DEMASI, M.A.N. 2006. Arqueologia das Terras Altas do Sul do Brasil: o baixo vale do rio Canoas, SC. In: DeMasi, M.A.N. (org). *Xokleng 2860 a.C.: as terras altas do Sul do Brasil*. Tubarão: Ed. UNISUL, p. 47-75

DEMASI, M.A.N. 2009. Centros cerimoniais do Planalto Meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia* 22(1): 99-113.

FARIAS, D.S.E. de & SCHMITZ, P.I. 2013. Linguagem, dispersão e diversidade das Populações Macro-Jê no Brasil Meridional durante a Pré-História Brasileira. Palhoça, Ed. UNISUL.

GAMBIM, A. 2010. A arqueologia dos ossos humanos: práticas funerárias no Planalto Meridional. In: 7. ENCONTRO REGIONAL DA SAB/SUL, Jaguarão, *Anais* ...

HENRY, J. 1964. *Jungle People. A Kaingang Tribe of the Highland of Brazil*. New York.

IRIARTE, J. & BEHLING, H. 2007. The expansion of Araucaria Forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environment Archaeology* 12 (2): 115-127.

IRIARTE, J. et al. 2013. Sacred landscapes of the Southern Brazilian highlands. Understanding southern proto-Jê mound enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology* 32:74-96.

LAVINA, R. 1994. Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

MENGHIN, O. 1957. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología* XII: 19-40.

MENTZ RIBEIRO, P.A. & RIBEIRO, C.T. 1985. Levantamentos arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 12(14): 49-105.

MERGEN, N. M. 2016. Complexidade na arqueologia do Jê Meridional: A contribuição de São José do Cerrito. São Leopoldo, UNISINOS. (Dissertação de mestrado)

MÜLLER, M. L. 2008. *Sobre índios e ossos*: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. Porto Alegre, PUCRS. (Dissertação de mestrado)

MÜLLER, M.L. 2011 (org.). 2011. Estudo e valorização do patrimônio arqueológico do vale do Rio Pelotas, SC: a contribuição da UHE Barra Grande. Florianópolis, Scientia.

MÜLLER, M.L. & MENDONÇA DE SOUZA, S. 2011. Cremações e sepultamentos: as estruturas anelares do planalto. In: Farias, D.S.E. de & Schmitz, P.I. (org.). *Antes do Oeste Catarinense, arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó, Argos, p. 269-305.

MUNSELL SOIL COLOR CHARTS. 1975. Baltimore, Munsell Color.

- REIS, M.J. 2007. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim, Habilis.
- RIBEIRO, B.G. 1986. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: Ribeiro, B.G. (coord.). *Suma etnológica brasileira, Tecnologia indígena*. Vozes, FINEP, p. 283-321.
- RIBEIRO, B.G. (coord.). 1986. *Suma etnológica brasileira, Tecnologia indígena*. Vozes, FINEP, p. 8.
- ROHR, J.A. 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 24: 1-56.
- SALDANHA, J.D. de M. 2005. *Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil*. Porto Alegre, PUCRS (Dissertação de mestrado).
- SALDANHA, J.D. de M. 2008. Paisagem e sepultamentos nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia* 21: 85-95.
- SANTOS, S. C. dos. 1973. *Índios e brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis, Ed. Edeme.
- SCHMITZ, P.I. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 2: 75-130.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O. & FARIAS, D.F. 2010. Casas subterrâneas no Planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas, Antropologia* 68: 7-78.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M. & FERRASSO, S. 2013a. Rincão dos Albinos, um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia* 70: 65-131.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M. & FERRASSO, S. 2013b. Boa Parada, um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. *Pesquisas, Antropologia* 70: 133-195.
- SCHWAMBACH, R.N. 2016. *Os sítios arqueológicos de São José do Cerrito/SC: A formação de uma paisagem ecológico-cultural*. São Leopoldo, UNISINOS. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciência Biológicas)
- SOUZA, J.G. 2012a. *Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS*. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia USP. (Dissertação de mestrado)
- SOUZA, J.G. 2012b. Áreas de atividades em dois centros cerimoniais Jê do Sul: relações entre arquitetura e função. *Revista de Arqueologia* 25 (2): 120-132.
- SOUZA, J.G. & COPÉ, S.M. 2010. Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia* 23(2): 104-117.
- SOUZA, J.G.; CORTELETTI; ROBINSON, M & IRIARTE, J. 2016. The genesis of monuments: resisting outsiders in the contested landscapes of Southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology* 41: 196-212.